



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

SOFIA CINTRA VIANA

GLÓRIA MARIA E O JORNALISMO SEM FRONTEIRAS:
uma análise sobre representatividade no telejornalismo

Mariana
2026

SOFIA CINTRA VIANA

**GLÓRIA MARIA E O JORNALISMO SEM FRONTEIRAS:
uma análise sobre representatividade no telejornalismo**

Monografia apresentada ao curso de
Jornalismo da Universidade Federal de Ouro
Preto, como requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Mariana Barbosa Gonçalves

Mariana

2026

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

V614g Viana, Sofia Cintra.

Glória Maria e o jornalismo sem fronteiras [manuscrito]: uma análise sobre representatividade no telejornalismo. / Sofia Cintra Viana. - 2026. 60 f.: il.: color..

Orientadora: Dra. Mariana Gonçalves.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Jornalistas negras. 2. Mulheres jornalistas. 3. Negras. 4. Telejornalistas. I. Gonçalves, Mariana. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 659.3

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário CRB6 1407



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
COLEGIADO DO CURSO DE JORNALISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Sofia Cintra Viana

**GLÓRIA MARIA E O JORNALISMO SEM FRONTEIRAS:
uma análise sobre representatividade no telejornalismo**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel Jornalista

Aprovada em 03 de março de 2026

Membros da banca

Dra. Mariana Barbosa Gonçalves (Orientadora) - Universidade Federal de Ouro Preto
Dra. Karina Gomes Barbosa - Universidade Federal de Ouro Preto
Dra. Dayana Cristina Barboza Carneiro - Universidade Federal de Ouro Preto

Mariana Barbosa Gonçalves, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 21/05/2026



Documento assinado eletronicamente por **Frederico Salomé de Oliveira, COORDENADOR(A) DE CURSO DE JORNALISMO**, em 20/06/2026, às 11:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1127306** e o código CRC **395BA97D**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Mariana Gonçalves, por me guiar e auxiliar nessa jornada turbulenta e gratificante que é escrever uma monografia.

Agradeço aos meus pais, Ana e Jean, por me incentivarem a estudar e focar na minha educação e jornada acadêmica.

Agradeço a Deus por ter me dado os dons necessários para concluir esse curso que amo.

Agradeço à Universidade Pública, por oportunizar meus estudos e evolução pessoal.

Agradeço à minha família, pois sei que minha vitória significa a vitória deles também.

RESUMO

Esta monografia analisa a trajetória da jornalista Glória Maria e sua contribuição para a transformação do telejornalismo brasileiro, articulando dimensões narrativas, simbólicas e representativas de sua atuação profissional. Partindo de sua inserção pioneira em um campo historicamente marcado pela hegemonia masculina e branca, o estudo investiga de que maneira sua presença e seu estilo de reportagem ampliaram as possibilidades de representação de mulheres e pessoas negras na televisão brasileira. A pesquisa dialoga com referenciais teóricos sobre gênero, raça, interseccionalidade e representação, colaborando para o conhecimento e valorização de sua memória e seus trabalhos. Metodologicamente, a pesquisa baseia-se na análise de materiais audiovisuais, considerando seus contextos de produção e circulação, com foco nas estratégias narrativas e nas formas de construção da imagem pública da jornalista. A investigação dialoga com referenciais teóricos sobre gênero, raça, interseccionalidade e representação, colaborando para o conhecimento e valorização de sua memória e seus trabalhos.

Palavras-chave: Telejornalismo, Representatividade, Mulheres negras, Gênero, Glória Maria.

ABSTRACT

This monograph analyzes the trajectory of journalist Glória Maria and her contribution to the transformation of Brazilian television journalism, articulating narrative, symbolic, and representational dimensions of her professional practice. Starting from her pioneering presence in a field historically marked by white male hegemony, the study examines how her work and reporting style expanded the possibilities of representation for women and Black people on Brazilian television. The research engages with theoretical frameworks on gender, race, intersectionality, and representation, aiming to understand the impact of her professional practice on the construction of more plural narratives in television journalism and on the expansion of debates surrounding diversity and inclusion in the media. Methodologically, the research is based on the analysis of audiovisual materials, considering their contexts of production and circulation, with a focus on narrative strategies and the construction of the journalist's public image. The study engages with theoretical frameworks on gender, race, intersectionality, and representation, contributing to the understanding and recognition of her legacy and professional work.

Keywords: Television journalism; Representation; Black women; Gender; Glória Maria.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Glória Maria na recepção do hotel.....	42
Figura 2 – Passagem de Glória em frente ao hotel onde sofreu racismo.....	43
Figura 3 – Imagem de Glória Maria fumando erva da jamaica.....	46
Figura 4 – Post na rede social “X” sobre a matéria.....	47
Figura 5 – Post da rede social “X”, também sobre a matéria.....	47
Figura 6 – Posts da rede social Instagram, quando pesquisada a reportagem de Glória.....	48
Figura 7 – Mulheres jornalistas participantes do documentário Glória.....	49
Figura 8 – Montagem feita através do Canva das participantes.....	51

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1 Glória Maria: do subúrbio para o mundo	9
1.2 Caminhos do Trabalho	11
2. GÊNERO E RAÇA NO JORNALISMO BRASILEIRO	13
2.1 Representação tardia e escassa da negritude nos espaços midiáticos	19
2.2 Interseccionalidade: gênero, raça e classe na vida de Glória	23
3. A TRAJETÓRIA DO TELEJORNALISMO BRASILEIRO E O SURGIMENTO DE GLÓRIA MARIA	25
3.1 Transformações do telejornalismo brasileiro: da televisão de referência à era digital	28
3.2 O repórter entre o fato e o público: corpo, presença e mediação	32
3.2.1 Figura do repórter e profissionalização do jornalismo	33
3.2.2 O repórter entre acontecimento, visibilidade e reconhecimento social	36
4. COMO OLHAR GLÓRIA MARIA COMO OBJETO DE PESQUISA?	39
4.1. UMA MULHER NEGRA COM UM MICROFONE	41
4.2 “Nós somos porque Glória foi”: memória, representação e legado interseccional	49
5. CONCLUSÃO	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa analisar o efeito de Glória Maria sobre a história do telejornalismo brasileiro, aventurando-se no modo de contar, mas também na representatividade em si na composição da narrativa televisiva. A jornalista destaca-se pelo pioneirismo dentro de um ambiente tradicionalmente heterossexual e branco ampliando o espaço para mulheres e profissionais negros na imprensa. Além disso, serão abordadas pautas raciais e de gênero, analisando como esses tópicos fazem parte da trajetória de Glória Maria.

O telejornalismo sempre exerceu uma função essencial na proposta de representação da realidade e na produção de conhecimento para o público, além de desenvolver interpretações e fomentar interações sociais. No entanto, a presença de profissionais negros no foco da câmera foi uma exceção, e não uma prática comum, sendo a figura de Glória Maria um exemplo que rompe com os estereótipos tradicionais. A forma com que ela abordava a apuração e narração de suas reportagens, aliada à capacidade de transitar por todos os formatos e temas possíveis, consolidou seu legado na história da informação no Brasil.

Dessa forma, a problemática desta pesquisa centra-se na seguinte questão: **de que maneira Glória Maria contribuiu para a transformação do telejornalismo brasileiro, tanto em sua estrutura narrativa quanto na ampliação da representatividade de mulheres e negros na profissão?**

Para responder a essa questão, a análise desenvolvida neste trabalho será organizada em dois eixos complementares. O primeiro volta-se a momentos emblemáticos da atuação de Glória Maria, nos quais sua presença e forma de narrar contribuem para transformar a própria reportagem em acontecimento midiático, evidenciando inovações no modo de fazer telejornalismo. Já o segundo eixo considera narrativas retrospectivas sobre sua trajetória, a partir de registros audiovisuais que articulam memória e interpretação, permitindo compreender como sua imagem pública foi construída e consolidada, especialmente no que diz respeito à representatividade de mulheres negras na mídia.

Acreditamos na relevância acadêmica e social de se analisar o impacto da trajetória de Glória Maria na transformação do telejornalismo brasileiro, especialmente no que tange à ampliação da representatividade de mulheres e negros na mídia.

Sua presença na televisão não apenas contribuiu para a descentralização dos meios de comunicação, mas também serviu como referência para a construção de uma narrativa mais plural e inclusiva no jornalismo. Entrevistas icônicas feitas por ela evidenciam uma

abordagem que priorizava a conexão entre o entrevistado e o público, ampliando o dinamismo e a empatia na comunicação televisiva. Além disso, este estudo permite uma reflexão aprofundada sobre os desafios enfrentados por mulheres negras em espaços de prestígio dentro da mídia, analisando como a representatividade e a ocupação desses espaços contribuem para o enfrentamento de estereótipos historicamente perpetuados pelo jornalismo. A presença de Glória Maria na televisão brasileira durante décadas simbolizou não apenas sua ascensão profissional, mas também um avanço coletivo na luta por maior diversidade e inclusão na comunicação de massa.

1.1 Glória Maria: do subúrbio para o mundo

Glória Maria Matta da Silva nasceu em 15 de agosto, no subúrbio do Rio de Janeiro. Sua mãe era Edna Matta, e seu pai, Cosme da Silva.

Glória se formou em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) na década de 1960, e iniciou sua trajetória na Rede Globo em 1970, no cargo de rádio-escuta, ouvindo emissoras para encontrar pautas. No ano seguinte, em 1971, se tornou a primeira repórter negra do Jornal Hoje e a primeira jornalista negra a aparecer em rede nacional pelo Jornal Nacional¹.

Em 1986, Glória começou a trabalhar na equipe do *Fantástico*, assinando reportagens emblemáticas e, em seguida, como apresentadora do programa semanal. Foi nessa fase que ela conheceu mais de 100 países e conversou com nomes como Freddie Mercury, Mick Jagger e Michael Jackson, por exemplo, que se tornaram encontros memoráveis de Glória.

Anos mais tarde, ainda se mantendo na elite da comunicação no Brasil, foi Glória quem apresentou, ao lado de Pedro Bial, a primeira transmissão em alta definição da TV brasileira, em 2 de dezembro de 2007, diretamente do show de Roberto Carlos no Maracanãzinho². Ela era fã declarada do cantor, e esse momento teve para ela um valor simbólico forte.

¹ MANO A MANO: Glória Maria. Entrevistador: Mano Brown. Spotify, 9 mar. 2021. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/7Cp1UH7ummJ0VS0Hw9PuNG?si=94ge6NCaSF0hWScOfthbZA.&nd=1&dls_i=ded8a6f8c197447e. Acesso em: 14 ago. 2025.

² GLÓRIA. Direção: Danielle França; Paulo Sampaio. Roteiro: Paulo Sampaio; Antonia Martinho. Produção: Jornalismo Globo. GloboPlay, 2025. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/gloria/t/YmDyrLTNfg/>. Acesso em: 14 ago. 25.

A partir de 2010, Glória passou a integrar o time do Globo Repórter³, programa em que, mais uma vez, se tornou um ícone. Suas reportagens passaram a abordar espiritualidade, saúde, questões ambientais, desigualdades e modos de vida pelo mundo, com uma sensibilidade que era só dela.

Recebeu inúmeros prêmios por sua trajetória, como o Troféu Raça Negra, em 2012⁴, reconhecimento pelo impacto de sua presença na televisão, e a honraria de Mulher Imprensa de Contribuição ao Jornalismo, que celebrou não só a pioneira, mas a mulher que inspirou tantas outras. Como reconhecimento por esse legado, em 2023, após a sua morte, um prêmio com seu nome foi criado para homenagear sua trajetória na comunicação⁵. O prêmio é uma honraria, aprovada pela câmara dos deputados no dia 18 de Novembro de 2023, de autoria de autoria do deputado Aureo Ribeiro (Solidariedade-RJ), e é concedido anualmente, com outorga de medalha, "a um jornalista cujos trabalhos ou ações merecem especial destaque no jornalismo brasileiro"⁶. A primeira vencedora, em 2024, foi a jornalista Zileide Silva (TV Globo), seguida por Tainá Falcão (CNN Brasil) na segunda edição, em 2025.

Glória Maria era fã de Roberto Carlos, como já dito, e também apaixonada por viagens, por perfumes, por viver experiências únicas. Era mãe de Maria e Laura, duas meninas que se tornaram suas filhas após uma viagem ao abrigo Lar da Criança, na Bahia, em 2009. Glória conheceu o lugar durante uma reportagem, se envolveu com a causa e, depois de um tempo, voltou para adotar as duas meninas. Sempre deixou claro, porém, que não queria ser chamada de “mãe adotiva”: era mãe, ponto⁷.

Era também espiritualizada, curiosa e sem medo de se reinventar. Fez uma reportagem sobre a ayahuasca e participou de rituais de meditação na Índia, explorando não só o mundo exterior, mas o mundo dentro de si⁸. “Neguinha”, como gostava de ser chamada pelos mais próximos⁹, se jogava de cabeça em todas as culturas pelas quais passava. Como por exemplo,

³ Mano a Mano: Glória Maria, 2021.

⁴ Mano a Mano: Glória Maria, 2021.

⁵ CÂMARA DOS DEPUTADOS. Câmara entrega Prêmio Glória Maria de Jornalismo. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/comunicacao/assessoria-de-imprensa/releases/29-08-25-camara-entrega-premio-gloria-maria-de-jornalismo-na-quarta-3>. Acesso em: 27 mar. 2026; G1. Zileide Silva é a primeira vencedora do Prêmio Glória Maria de Jornalismo criado pela Câmara. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2024/11/13/zileide-silva-e-a-primeira-vencedora-do-premio-gloria-maria-de-jornalismo-criado-pela-camara.ghtml>. Acesso em: 27 mar. 2026.

⁶ CÂMARA aprova criação do prêmio Glória Maria de Jornalismo. G1, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/10/18/camara-aprova-criacao-do-premio-gloria-maria-de-jornalismo.ghtml>. Acesso em: 17 de out. 2025.

⁷ Glória, 2025.

⁸ Glória, 2025.

⁹ Glória, 2025.

quando fumou marijuana na Jamaica, cumprindo o ritual da comunidade que visitou. Ela não poderia deixar o lugar sem cumprir essa experiência cultural¹⁰.

Em 2019, ela revelou publicamente que havia passado por uma cirurgia no cérebro para a retirada de um tumor, que havia sido descoberto após a repórter desmaiar e bater a cabeça. Na época, em sua conta no Instagram, compartilhou que estava bem e em recuperação, agradecendo as mensagens de carinho. O tumor era uma lesão expansiva na região frontal do cérebro, e, embora a cirurgia tenha sido bem-sucedida, Glória seguiu em tratamento.

Mais tarde, foi diagnosticada com um câncer de pulmão, que acabou evoluindo para metástases cerebrais. Porém, mesmo diante desse cenário delicado, ela optou por manter a vida com a maior normalidade possível. Não expôs em detalhes seu estado de saúde ao público, preferindo preservar sua imagem de força e vitalidade até o fim¹¹.

Glória faleceu no dia 2 de fevereiro de 2023, no Rio de Janeiro. Sua morte causou comoção nacional, especialmente entre jornalistas, artistas, mulheres negras e todo o público que a acompanhava há décadas. Teve homenagens em todos os principais jornais da TV, redes sociais e até em escolas públicas, onde seu nome era sinônimo de orgulho e conquista.

Seu legado permanece, e ainda hoje Glória é lembrada com carinho por seus colegas de trabalho e por admiradores. Recentemente, a Globo lançou uma minissérie com quatro episódios sobre a vida da “neguinha”, “leoa”, “pioneira”, e tantos outros nomes pelos quais era, e é, chamada.

1.2 Caminhos do Trabalho

O Capítulo 1 propõe uma reflexão sobre como a trajetória de Glória Maria, enquanto mulher negra, periférica e pioneira, revela as camadas interligadas de opressão e resistência que marcam sua história, já entrando na sua trajetória como jornalista. Nossa proposta, neste capítulo, é aprofundar no aparato teórico sobre gênero e raça a partir de sua experiência individual, abordando questões estruturais, como a divisão sexual do trabalho, o conceito de estrangeiridade, a exclusão simbólica e a interseccionalidade. A partir de Alfred Schütz ([1944]/2010), a figura do “estrangeiro” é usada para entender a presença de Glória como alguém que, mesmo integrada ao campo do jornalismo televisivo, nunca foi totalmente

¹⁰ Glória, 2025.

¹¹ Glória, 2025.

assimilada, mantendo-se à margem das normas tácitas de pertencimento. Essa ideia dialoga com o conceito de “*outsider within*” (ou “estrangeira de dentro”/forasteira de dentro), através do qual Patricia Hill Collins (2016) descreve a condição de mulheres negras inseridas em instituições brancas, mas nunca plenamente reconhecidas.

Sueli Carneiro (2003) e Pablo Moreno Fernandes (2022) também contribuem para o debate ao denunciar a coisificação histórica da mulher negra e a representação limitada dos corpos negros na mídia.

Após analisarmos, no capítulo anterior, as estruturas de opressão e resistência que marcaram a trajetória de Glória Maria no telejornalismo brasileiro, o segundo capítulo se propõe a avançar para a compreensão de sua presença no imaginário popular e na história do telejornalismo brasileiro. A figura de Glória transcendeu a função de jornalista para tornar-se ícone cultural, representando múltiplas dimensões de identidade, resistência e inspiração.

Para ajudar nesses tópicos e legitimar as ideias propostas, serão apresentados estudos sobre a trajetória do telejornalismo, para então apresentar como Glória se inseriu nesse meio, e em qual contexto, com o auxílio de autores como Traquina (2004), Amorim (2007) e Serra (2020). A proposta, portanto, é refletir sobre o impacto simbólico de Glória Maria, considerando não apenas o que ela fez, mas o que ela passou a significar. Seu rosto, suas falas, sua presença em reportagens e programas tornaram-se parte de um arquivo afetivo e político nacional, e é essa dimensão que será problematizada neste segundo momento da pesquisa. Junto com Paula Simões e Vera França (2019), analisamos também o processo de transformação de Glória em celebridade, para além de jornalista.

Para a proposta de análise, discutimos sobre como a imagem pública de Glória impactou o jornalismo, influenciando a forma como mulheres negras são vistas, e se veem, nos espaços midiáticos, assim explorando também como Glória Maria se consolidou como referência para novas gerações de comunicadores e comunicadoras. Para esse exercício, trazemos dois momentos retratados em reportagens da célebre: o caso de racismo no Othon Palace e a matéria feita na Jamaica para o Globo Repórter, e o documentário da Globoplay: Glória (2025). Na análise, juntamos essas obras a toda a carga já trazida ao longo do texto, fazendo uma “costura” entre elas.

2. GÊNERO E RAÇA NO JORNALISMO BRASILEIRO

Glória Maria Matta da Silva, mais conhecida como Glória Maria, nasceu em 15 de agosto, no subúrbio do Rio de Janeiro. Sua idade e ano de nascimento prefiro não colocar aqui, visto que ela sempre foi muito reservada sobre sua idade, e quero respeitar esse cuidado com a própria história. Ela preferia assim pois, segundo a própria jornalista, em entrevista para o rapper Mano Brown, no podcast “Mano a Mano”, pouquíssimos familiares dela foram registrados, o que dificulta ou impede a noção da idade. Filha de Edna Matta e Cosme da Silva, Glória relata no mesmo podcast, que cresceu em meio a mudanças, devido à pobreza na qual vivia, que tornava impossível pagar aluguel, e obrigava sua família a mudar de forma quase rotineira. Como ela conta:

Então eu, quando era muito pequena, até mais ou menos 12 anos, 13, eu mudei muito, porque como a gente não tinha grana, assim, não tinha dinheiro, então a gente mudava de lugar, meio nômade. Por isso que até hoje eu vivo no mundo, sem parar, porque até hoje eu não consigo ficar muito tempo em lugar nenhum (Mano a Mano, 2021, 8:01).

Glória cresceu, formou-se em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) na década de 1960, e iniciou sua trajetória na Rede Globo em 1970, no cargo de *rádio escuta*¹², ouvindo emissoras para encontrar pautas. Em 1971, realizou sua primeira grande reportagem¹³ ao cobrir o desabamento do Elevado Paulo de Frontin, no Rio de Janeiro. Na época, repórteres raramente apareciam em cena, e ela se tornou a primeira repórter negra da televisão brasileira. No ano anterior, havia ingressado na Rede Globo como rádio-escuta, ouvindo emissoras para encontrar pautas. Anos depois, em 1977, se tornou também a primeira jornalista negra a entrar ao vivo no *Jornal Nacional*, marcando presença histórica em rede nacional.¹⁴ Ela sempre foi a primeira no ramo do telejornalismo, mesmo que em uma época não tão distante de agora.

Se hoje há projetos de inclusão social e racial em empresas e em instituições de ensino, como a Lei de Cotas, lei nº 12.711/2012, que estabelece a reserva de vagas em universidades e institutos federais para estudantes oriundos do ensino público, com recortes de renda e raça, a vivência da população negra era bem diferente até o fim do século XX. Mesmo a Lei de Cotas foi apenas sancionada em 2012, 124 anos após a assinatura da Lei Áurea, que dava fim ao regime de escravidão no Brasil, mas não abarcava medidas de

¹² Rádio escuta: profissional responsável por monitorar canais de comunicação, como rádios e telejornais, identificando informações relevantes para o trabalho jornalístico da redação.

¹³ Diferente da notícia, que foca em eventos recentes e concisão, a grande reportagem busca oferecer ao leitor um contexto mais amplo e uma compreensão mais completa do assunto abordado.

¹⁴ Mano a Mano: Glória Maria, 2021.

reparação direcionadas às pessoas escravizadas e seus descendentes. Isso mostra o quão atual ainda é o debate sobre medidas concretas sobre inclusão e combate ao racismo e outras mazelas sociais.

Com presença firme, inteligência afiada e uma elegância muito própria, Glória passou a integrar a equipe do “Fantástico”, em 1986, onde permaneceu por anos, assinando reportagens que marcaram época, tanto pelas viagens e entrevistas internacionais quanto pela forma como contava histórias humanas. Foi nessa fase que ela conheceu mais de 100 países e conversou com nomes como Freddie Mercury (1985), Mick Jagger (1984) e Michael Jackson (1996), que se tornaram encontros emblemáticos de Glória.

A partir dessas entrevistas, e de outras mais tarde, com suas viagens icônicas a mais de 160 países, era comum Glória ocupar o lugar de estrangeira, alguém de fora, distante da cultura e população local. Vale ressaltar que apesar de, como jornalista, Glória ter que entregar um certo tipo de trabalho em que comumente as relações mantidas com as pessoas entrevistadas dos países pelos quais passava apenas como “fontes de informação”, ou meras vozes para suas matérias, por muitas vezes ela ia além disso. Em sua entrevista exibida no Fantástico com Madonna (2005), por exemplo, ela levou um colar para a cantora, igual ao que estava usando. Isso fez com que a artista criasse, mesmo que talvez só por um momento, um vínculo, com um pouco mais de empatia e carinho. Em seus contatos com outros países e culturas, Glória sempre pareceu bem confortável com a posição de estrangeiro. Estaria ela acostumada com essa posição, ou ela apenas era naturalmente carismática e adaptável?

Enfim, com esses contatos com outras culturas, Glória adentrou espaços simbólicos nos quais era percebida como alguém vindo de fora. Apesar de muitas vezes ser muito bem recebida, a repórter ainda não fazia parte dessas culturas, por ser brasileira.

Além disso, Glória pertencia a grupos da sociedade (mulher, negra, pioneira e periférica) que ficam à margem, até mesmo em seu próprio país. Não seria essa a perspectiva de um estrangeiro? Não só porque tenham vindo de fora, mas porque representam alteridades que o grupo dominante não reconhece como naturais. Como mulher negra em um dos espaços mais brancos da sociedade brasileira, o jornalismo televisivo, ela precisou dominar não apenas as normas explícitas de conduta e linguagem, mas também os códigos implícitos, as orlas simbólicas, os hábitos não-ditos de um grupo que historicamente excluiu pessoas como ela. Para entender melhor como o estrangeiro é contextualizado, recorreremos ao trabalho de Schütz (2010) na obra *O Estrangeiro: Um Ensaio em Psicologia Social*.

O estrangeiro, portanto, se aproxima do outro grupo como um recém-chegado no verdadeiro significado do termo. Quando muito, ele pode estar disposto e apto a compartilhar o presente e o futuro com o grupo aproximado, em intensa e imediata

experiência; sob todas as circunstâncias, entretanto, ele permanece excluído de tais experiências deste passado. Vendo do ponto de vista do grupo aproximado, ele é um homem sem história. (Schütz, 2010, p. 121).

O conceito de estrangeiro, assim, ultrapassa a imigração física e se torna uma lente para compreender o que significa estar fora, querer pertencer e negociar esse pertencimento num terreno social marcado por desigualdades, expectativas e fronteiras simbólicas. Glória trabalhava, e muito, e foi justamente no trabalho, no exercício cotidiano do jornalismo, que ela precisou realizar o esforço constante de tradução simbólica descrito por Schütz (2010). O trabalho, assim, não foi apenas meio de sustento ou realização pessoal, mas o principal palco em que a tensão entre o “ser de fora” e o “querer pertencer” se atualizava diariamente.

No ensaio *Learning from the Outsider Within: The Sociological Significance of Black Feminist Thought* (1986), a socióloga Patrícia Hill Collins também propõe uma reflexão sobre a posição ocupada por mulheres negras em ambientes acadêmicos, científicos e institucionais, majoritariamente brancos. Ela evidencia o conceito de “outsider within” (traduzido comumente como estrangeira de dentro ou forasteira de dentro) para descrever a condição de estar inserida em certos espaços, como universidades, centros de pesquisa ou, no caso da figura pública cuja trajetória é objeto deste trabalho, grandes veículos de mídia, sem ser plenamente incluída. Segundo ela, “um indivíduo se torna um *insider* ao traduzir uma teoria ou visão de mundo em sua própria linguagem, até que um dia o indivíduo se converte ao pensar e agir de acordo com aquela visão de mundo” (Collins, 2016, p. 117).

Glória Maria, ao longo de sua carreira, encarnou essa condição de *outsider within*. O jornalista é sempre um estrangeiro, já que se insere em diversas narrativas diferentes do seu próprio cotidiano, lidando com todos os tipos de histórias e de pessoas. No caso de Glória, isso toma um significado maior, pois ela estava dentro da televisão brasileira, ocupava espaços de destaque e tinha amplo reconhecimento público, o que não anulava as tensões, os olhares atravessados e a constante vigilância sobre sua performance, estética e conduta. Na verdade, o seu corpo tensionava ainda mais essa condição à qual o jornalista já é submetido. Tendo boa parte dessas tensões sido transmitidas em imagem e som, para milhares de televisores espalhados pelo país. Sua forma de se movimentar entre culturas, países, classes sociais e públicos diversos demonstrava um domínio dos códigos de pertencimento, ao mesmo tempo em que nunca abria mão de sua autenticidade e identidade. Assim como descreve Collins (2016), Glória se tornava simultaneamente parte e crítica do sistema, utilizando sua posição para abrir brechas, ampliar representações e criar novos sentidos de presença negra na mídia. Como destaca a autora, “independentemente do conteúdo de fato das

autodefinições de mulheres negras, o ato de insistir na autodefinição dessas mulheres valida o poder de mulheres negras enquanto sujeitos humanos” (Collins, 2016, p. 104).

O reconhecimento social de Glória Maria (referência como repórter televisiva) está intrinsecamente ligado ao seu trabalho. Glória foi uma mulher que sempre trabalhou, em uma profissão que, a princípio, era exercida majoritariamente por homens, mas que, ao longo dos séculos XX e XXI registrou um aumento considerável de mulheres entre seus trabalhadores. No entanto, essa ampliação não ocorreu de forma igualitária, sendo marcada por desigualdades estruturais no mercado de trabalho, como a concentração de mulheres em funções de menor prestígio, a dificuldade de acesso a cargos de visibilidade e liderança e a persistência de barreiras relacionadas a gênero e raça. Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007) defendem que, na contemporaneidade, a divisão sexual do trabalho assume novas configurações. A flexibilização do emprego leva a “nomadismos sexuais”, em que as mulheres enfrentam a fragmentação temporal do trabalho e os homens, deslocamentos espaciais. Além disso, há uma polarização entre mulheres em posições precárias e aquelas que ascendem a profissões de elite. Esta última categoria tende a externalizar o trabalho doméstico, delegando-o a outras mulheres, muitas vezes migrantes e em situações vulneráveis, o que gera novas hierarquias e contradições entre as próprias mulheres. Segundo Hirata e Kergoat (2007), a chamada “conciliação” entre trabalho e vida familiar, amplamente promovida como política pública nos países europeus, mascara a desigualdade estrutural de gênero, mantendo as mulheres como principais responsáveis pela vida doméstica. No Brasil, Glória Maria não seguiu esse padrão, construindo uma trajetória profissional marcada pela autonomia e pela ruptura com expectativas tradicionais impostas às mulheres.

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada historicamente e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticas, religiosas, militares etc.) (Hirata; Kergoat, 2007, p. 599).

Para além do trabalho doméstico, o trabalho da mulher e do homem ainda são valorizados de forma desigual em nossa sociedade. No mercado de trabalho, essa desigualdade se expressa não apenas nos salários, mas também nas oportunidades de ascensão, na visibilidade profissional e nas exigências de desempenho, que tendem a ser mais intensas para mulheres, especialmente mulheres negras. Glória Maria é um exemplo disso, desde a invisibilidade histórica das mulheres negras nos espaços midiáticos até as dificuldades de conciliar trabalho intenso com vida pessoal. Ela foi uma das raras mulheres que, como não

é, até hoje, exatamente comum, não sucumbiu ao papel que seria ditado a ela por tantas pessoas e pela estrutura social.

Glória foi mãe apenas depois de sua ascensão profissional, não se casou, e deu sempre prioridade ao seu trabalho. Fez isso apenas pela sua paixão, ou isso é algo que diz respeito à necessidade para a sobrevivência? Se ela não trabalhasse tanto e não fosse tão boa em seu trabalho como foi, ela ainda assim teria tantas conquistas? Ou a mulher, principalmente a negra, simplesmente não pode parar? Claro que é mais otimista pensar que a jornalista teria seu reconhecimento mesmo se sua trajetória tivesse sido diferente, mas quando outras mulheres negras explicam suas narrativas, o otimismo pode ser abalado.

Um exemplo é Elza Soares, que, assim como Glória, recebeu grande reconhecimento social, e até prêmios. Mas fez isso após ferir essa herança deixada às mulheres negras, não se calando diante dos desafios (mas só conquistou a fama depois de enfrentar a fome, ser submetida a um casamento ainda criança, violência e agressões). Carolina Maria de Jesus, que também foi símbolo de uma luta de raça e gênero no Brasil, com seu livro *Quarto de Despejo*, também resistiu ao silêncio imposto às mulheres negras, escrevendo com coragem realidades silenciosas da favela. “Sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (Jesus, 2014, p. 31). Ambas batalharam incansavelmente para conseguir chegar onde chegaram. Elza teve vários empecilhos, durante a ditadura militar, em alguns de seus relacionamentos, inclusive o primeiro, em que era agredida e desrespeitada, além da perda de quatro filhos. E Carolina de Jesus só ganhou seu reconhecimento após seus 46 anos de idade. Até lá, Carolina, mesmo trabalhando como podia, passou dias sem nem comer e sem saber como dar boas condições aos seus filhos. Tudo isso, juntando o estigma com o qual já se nasce quando não se tem a cor de pele, ou gênero, ou religião que já têm o passe livre para uma vida mais simples na sociedade, evidencia a dificuldade em romper a barreira que essas mulheres contribuíram, no sentido mais enfático da palavra, para romper.

Ao longo de sua carreira, Glória dividiu o espaço com colegas homens em sua maioria, como Pedro Bial (jornalista com quem dividiu a apresentação do programa Fantástico, na Rede Globo, ao longo de dez anos), Guilherme Vizane (seu principal repórter cinematográfico, com quem trabalhou por mais de 30 anos), Marco Aurélio (também repórter cinematográfico, com quem colaborou por 50 anos), Sérgio Chapelin, Cid Moreira, William Bonner, entre outros. Isso evidencia que sua presença não representava apenas uma conquista individual, mas uma exceção dentro de um sistema que ainda reproduz desigualdades. Sua experiência reflete as contradições descritas por Hirata e Kergoat (2007): mesmo entre as mulheres que rompem o teto de vidro, as exigências de desempenho, a pressão por excelência

e a necessidade de enfrentar o duplo fardo do trabalho público e privado permanecem como marcas de uma divisão sexual do trabalho que se atualiza, mas não desaparece.

Em *Feminismo e Política: uma introdução*, Luiz Felipe Miguel e Flávia Biroli (2014) também discutem sobre a divisão sexual do trabalho. Os autores demonstram como essa divisão não apenas naturaliza funções atribuídas às mulheres, como também limita suas possibilidades de reconhecimento e ascensão social. No Brasil, a vivência das mulheres, sobretudo das mais pobres e das mulheres negras, é atravessada por múltiplas camadas de desigualdade. Além das jornadas de trabalho, elas frequentemente assumem, sozinhas, a responsabilidade pelo cuidado de filhos, familiares, e da própria casa. Isso impacta diretamente as suas oportunidades profissionais e qualidade de vida. Nesse sentido, o mercado de trabalho pode ser compreendido como parte de uma estrutura que penaliza a inserção e a permanência das mulheres.

O cuidado põe um de nós na reprodução da vulnerabilidade das mulheres pobres. Convencionalmente, a responsabilidade pelo cuidado vem sendo atribuída às mulheres, sobretudo às mulheres pobres. Quando menores são os recursos e os mecanismos públicos para apoiar os indivíduos e as famílias na tarefa de cuidar dos dependentes, maior é o impacto da dedicação a essa tarefa no exercício de outras atividades, sobretudo das remuneradas. Ao mesmo tempo, a desvalorização social das atividades relacionadas ao cuidado faz com que atividades a ele relacionadas sejam mal remuneradas. O treinamento social das mulheres para o cuidado com os outros e sua especialização no cuidado de dependentes em sociedades nas quais a divisão sexual do trabalho continua a ter importância na organização das relações na esfera privada e na esfera pública, mesmo quando se desdobram no exercício de atividades remuneradas. (Miguel; Biroli, 2014, p. 57)

Trechos como esse ilustram partes da vida de Glória, seja no desenvolvimento de sua vida profissional, seja nos fragmentos publicizados de sua vida pessoal. Um exemplo disso, que dialoga sobre a dimensão do cuidado como uma tarefa socialmente atribuída ao gênero feminino, é quando ela descobriu um câncer de pulmão, em 2019. Ela se cuidou praticamente sozinha. Claro, com profissionais da saúde e apoio de amigos, mas ficou repousada em sua casa, passando pelo processo apenas com a companhia de suas filhas (ainda crianças). Na nossa sociedade, isso não é incomum, já que mulheres se abdicam de trabalho e demais responsabilidades para cuidar dos maridos, por exemplo. Mas quando é o contrário, e elas ficam debilitadas, ainda têm que dar conta de tudo na maioria das vezes, e sozinhas. Uma prova disso é a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2022, elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que revela que as mulheres passam, em média, 21,3 horas semanais nessas atividades, enquanto os homens utilizam 11,7 horas.¹⁵

¹⁵ PNAD: mulheres gastam quase o dobro de tempo no serviço doméstico. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-08/pnad-mulheres-gastam-quase-o-dobro-de-tempo-no-servico-domestico>. Acesso em: 14 ago. 2025.

Ainda no sentido de gênero, Sueli Carneiro (2003) denuncia a coisificação histórica das mulheres negras, desde o período colonial até os dias atuais. Ela mostra como a miscigenação violenta, o mito da democracia racial e a erotização da desigualdade marcaram profundamente a identidade da mulher negra. Glória Maria, ao ocupar com protagonismo o espaço jornalístico brasileiro, que é um espaço essencialmente branco e masculino, rompeu com esse processo de invisibilidade.

Glória não foi apenas uma exceção estatística, mas também foi um símbolo de resistência e representação. Como Carneiro (2003) afirma em “Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero”, o feminismo tradicionalmente ignorou as especificidades das mulheres negras ao longo da história.

São suficientemente conhecidas as condições históricas nas Américas que construíram a relação de coisificação dos negros em geral e das mulheres negras em particular. Sabemos, também, que em todo esse contexto de conquista e dominação, a apropriação social das mulheres do grupo derrotado é um dos momentos emblemáticos de afirmação de superioridade do vencedor (Carneiro, 2003, p.49).

Glória Maria não se enquadrava no modelo de "musa" nem na idealização da mulher como figura padrão da feminilidade justamente pela cor de sua pele. Mas as conquistas e envolvimento sexuais e amorosos, quando publicizados, eram pautas amplamente repercutidas na mídia.

Ao longo do texto, Carneiro (2003) nos pergunta: "de que mulheres estamos falando quando falamos do mito da fragilidade feminina?" Essa provocação instiga a compreender como Glória Maria foi uma exceção ativa, uma mulher negra que não apenas rompeu com o estereótipo da mulher passiva, mas produziu discurso, imagem e narrativa própria dentro de um meio que, historicamente, sempre a excluiu. Glória literalmente "ganhou as ruas", como diz Carneiro (2003), mas não porque foi "libertada" por um discurso feminista branco. Ela sempre esteve nas ruas, e o jornalismo foi seu território de reivindicação de presença. Como muitas mulheres negras descritas por Carneiro (2003), Glória não esperou que lhe fosse dada permissão: ela conquistou o espaço à força do talento e da persistência.

Sendo pioneira em tantas situações, Glória inspira muitas pessoas até hoje. Mulheres, negros, jornalistas, enfim. Todos esses grupos podem se espelhar na trajetória de Glória, visto a sua contribuição para toda uma comunidade de forma profissional, mas também representativa. Graças a seus anos de luta e bom trabalho, ela pôde quebrar padrões e dar uma vida confortável a si mesma e às suas filhas, o que é simbólico para pessoas que vieram de onde ela veio.

2.1 Representação tardia e escassa da negritude nos espaços midiáticos

A representatividade de pessoas negras nos espaços midiáticos e simbólicos da sociedade brasileira sempre foi rara e, quando acontece, pode ser como uma tentativa superficial de inclusão. O artigo “Racismo e invisibilização: a representatividade negra em anúncios de revistas”, de Fernandes (2022), mostra isso ao analisar publicidades veiculadas na revista *Veja*. O autor aponta que, em 2019, apenas um terço dos anúncios traziam pessoas negras, mesmo que negras e pardas somem mais da metade da população brasileira, com 45,3% das pessoas se declarando pardas e 43,5 % brancas, segundo dados do Censo Demográfico 2022 do IBGE¹⁶. Além disso, quando apareciam, essas figuras ocupavam papéis secundários, nunca o centro da narrativa, como se estivessem ali para “cumprir uma cota simbólica”. Neste trabalho, compreende-se representatividade não apenas como a presença quantitativa de determinados grupos nos meios de comunicação, mas como a forma pela qual esses sujeitos são visibilizados e reconhecidos nas narrativas midiáticas. Trata-se, então, de um processo que envolve disputas simbólicas por reconhecimento, no qual a presença de pessoas negras em posições de destaque pode tensionar estereótipos, ampliar repertórios de identificação e até contribuir para a construção de novas possibilidades de existência social. Nessa perspectiva, a representatividade articula-se às noções de reconhecimento e poder simbólico, se ampliando com a implicação de transformações nos modos de ver e narrar sujeitos historicamente marginalizados e mal representados.

Essa presença isolada seria o “negro único”, aquele ou aquela que aparece em meio a um mar de pessoas brancas, representando, sozinho, um grupo inteiro. Conforme citado por Fernandes (2022), Corrêa e Bernardes (2019 *apud* Fernandes, 2022) explicam que esse tipo de representação reforça mais a ideia de uma democracia racial “de aparência” do que promove, de fato, igualdade. Afinal, quando só há um, essa pessoa vira a “voz de todos”, é chamada a falar sempre que o assunto é racismo, e tem que dar conta de expectativas enormes, enquanto o sistema ao redor continua basicamente o mesmo.

Esse apagamento não se dá só na mídia ou na publicidade. Ele se espalha por diferentes esferas da sociedade em que vivemos. A boneca Barbie por exemplo, uma das

¹⁶ IBGE. *Censo demográfico 2022: identificação étnico-racial da população, por sexo e idade: resultados do universo*. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=73105>. Acesso em: 14 ago. 2025.

bonecas mais famosas, se não a mais famosa e consumida do mundo, já que estima-se que 120 Barbies são vendidas por minuto, segundo a *Folha de São Paulo*, só teve sua primeira edição de boneca negra no ano de 1980¹⁷. Isso faz pouco mais de 40 anos apenas. Antes disso, houve tentativas de inserir personagens negras, mas sempre como coadjuvantes, amigas da Barbie, e não como protagonistas. A primeira boneca negra da Mattel com nome e identidade próprios foi inspirada em Diana Ross, o que já mostra como foi preciso vincular a ideia de beleza negra a uma referência internacional, quase inalcançável. Só a partir da década de 1990 surgiram linhas com mais diversidade de tons de pele, tipos de cabelo e estilos, mas isso tudo ainda veio com décadas de atraso.

Em filmes de Hollywood e seriados como *Eu, a Patroa e as Crianças* (2001), a maior parte das mulheres negras que aparecem, aparecem com o cabelo escovado e/ou liso, e sempre que possível as personagens têm pele mais clara, como a segunda atriz que interpretava Claire, filha e irmã do meio da família, e sua mãe, Janet. Quando a presença negra está condicionada a certos padrões, que tentam suavizar ou apagar os traços da negritude, não há inclusão real, mas sim uma adaptação ao gosto do olhar branco. No Brasil, o cenário não é muito diferente. Em diversas novelas, como *Laços de Família* (2000), e até mesmo *Carrossel* (2012), os poucos papéis destinados às mulheres negras, nas obras citadas respectivamente Thalma de Freitas e Márcia de Oliveira, geralmente eram de empregadas domésticas ou personagens sem grande profundidade. Antes disso, porém, houve marcos históricos importantes, como em 1965, quando Iolanda Braga (1941–2021) se tornou a primeira atriz negra a ocupar o posto de personagem principal em uma telenovela. Na trama *A Cor da Sua Pele*, ela interpretou Clotilde Vieira na TV Tupi e protagonizou o primeiro romance interracial da televisão com o ator Leonardo Villar¹⁸. Essa repetição reforça estereótipos e limita a diversidade de narrativas negras na televisão.

É justamente sobre esse aprisionamento simbólico que Lélia Gonzalez, referência fundamental do feminismo negro no Brasil, conhecida por analisar as intersecções entre raça, classe e gênero na sociedade brasileira, já chamava atenção desde os anos 1980. Antecipando o que mais tarde seria conceituado como interseccionalidade, Gonzalez identificou como raça, classe e gênero se articulam tanto na manutenção das opressões quanto na construção das

¹⁷ NETFLIX anuncia lançamento do documentário sobre a primeira Barbie negra para o dia 19 de junho. Mundo Negro, 2024. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/netflix-anuncia-lancamento-do-documentario-sobre-a-primeira-barbie-negra-para-o-dia-19-de-junho/>. Acesso em: 14 ago. 2025.

¹⁸ RUTH de Souza, Taís Araújo e outras protagonistas negras para recordar. CNN Brasil, 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/ruth-de-souza-tais-araujo-e-outras-protagonistas-negras-para-recorde/>. Acesso em: 14 ago. 2025.

resistências. Em sua análise, as mulheres negras foram historicamente reduzidas a dois papéis principais na sociedade brasileira: a “mulata” hiper-sexualizada e a empregada doméstica, que são as versões modernas da mucama e da mãe preta da escravidão. Esses termos estereotipados seriam, assim, dois lados da mesma moeda e exemplos de como o mito da democracia racial exerce sua violência simbólica sobre as mulheres negras. Como aponta Gonzalez, “os termos mulata e doméstica seriam, ao seu ver, ‘atribuições de um mesmo sujeito’. A nomeação vai depender da situação em que somos vistas” (Gonzalez, 2020 [1983], p. 80 *apud* Pinho, 2021, p. 48). A violência simbólica do mito da democracia racial, portanto, age através dessas imagens, enquanto silencia a complexidade e a humanidade de mulheres negras reais.

Personalidades fortes da mídia, como a cantora Beyoncé, conhecida internacionalmente, a também cantora Whitney Houston, e a atriz brasileira Taís Araújo, são mulheres que inspiram nas indústrias audiovisual e musical. Suas trajetórias, marcadas por talento, carisma e enfrentamentos contra estereótipos raciais e de gênero, desafiam narrativas historicamente excludentes. Em paralelo, figuras como Carmen Miranda e Marilyn Monroe, ambas brancas, também construíram imagens públicas icônicas, porém, sob outras condições. Enquanto Monroe se tornou símbolo da feminilidade padronizada de Hollywood, frequentemente hipersexualizada sob o olhar masculino, Carmen Miranda foi projetada como uma “embaixadora” da latinidade nos moldes desejados por interesses estadunidenses. Décadas depois, Xuxa, ícone televisivo dos anos 1980/90, verbalizou que “as pessoas lá fora, que acham que só existe mulata e negro nesse país, sabem hoje que existem loiros, loiros como muitos nós aqui, gaúchos”¹⁹, um comentário que reflete visões eurocêntricas e raciais ainda presentes na representação brasileira. O contraste entre essas trajetórias evidencia como raça, classe e nacionalidade moldam de forma distinta a forma como a imagem de mulheres é construída, consumida e lembrada.

Contrapondo a representatividade em sua melhor forma, muitas vezes o negro foi retratado como ruim. Em vários contextos. O símbolo da paz é reconhecido por muitos como uma pomba branca, quando falamos em reatar uma relação, ou acabar uma briga, falamos “levantar bandeira branca”, e a própria representação de Jesus é muitas vezes retratada em uma estética eurocêntrica (branco de olhos azuis). Já o negro sempre foi retratado como símbolo do mal por países europeus e até nas américas. “A coisa tá preta”, por exemplo, ainda

¹⁹ FÃS resgatam vídeo antigo em que Xuxa exalta a minoria loira do Brasil. Veja, 2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/fas-resgatam-video-antigo-em-que-xuxa-exalta-minoria-loira-do-brasil/>. Acesso em: 14 ago. 2025.

é uma expressão usada por muitas pessoas para dizer que algo ruim está acontecendo. No livro *Pele negra, máscaras brancas* (2008), Frantz Fanon, psiquiatra e um dos pesquisadores mais importantes na luta contra o racismo e o colonialismo, denuncia:

O carrasco é um homem negro, Satã é o homem negro, falamos de trevas, estamos pretos quando estamos sujos- aplica-se isso à sujeira física ou à sujeira moral. Causaria espanto se nos déssemos ao trabalho de reuni-las, tamanho é o número de expressões que fazem do negro o pecado. Na Europa, o negro representa, seja concreta ou simbolicamente, o lado mau da personalidade (Fanon, 2008, p. 200).

Mas, para lidar com essa “crise de representatividade” negra, Fanon (2008) diz que há duas opções: “Ou peço aos outros que não deem atenção à minha pele, ou, pelo contrário, quero que se deem conta dela” (2008, p. 207). Glória se encaixa na segunda opção. Até hoje ela serve de espelho e inspiração para inúmeras mulheres, sendo um bom exemplo de tudo que é possível fazer, e o quão longe é possível ir quando se impõe o que se é, do jeito que é. Cor de pele, gênero, local de origem, tudo isso não precisa ser algo ruim. Pelo contrário, quando se tem autoconsciência e orgulho de onde vem, contrapondo todas as tentativas de desvalorização e distorção pelas quais se passa devido a todas essas variáveis, a glória te abraça.

Glória Maria sempre manteve sua identidade, reconhecendo o valor que sua presença representava em todos os espaços que ocupava. Ela também nunca se intimidou ou deu muita atenção ao que podia impedi-la de chegar onde chegou. Em sua época, a representatividade era ainda menor do que é hoje, e se tornar uma figura tão importante e significativa, principalmente para o jornalismo e para o feminismo negro, é um feito notável. Sua presença na televisão brasileira não só abriu caminhos para outras mulheres negras, como também ampliou o debate sobre igualdade, inclusão e pertencimento.

2.2 Interseccionalidade: gênero, raça e classe na vida de Glória

A trajetória de Glória Maria, ao ser analisada com atenção aos marcadores sociais que a atravessam, revela como raça, gênero e classe não são elementos isolados, mas sim dimensões que se entrelaçam de forma inseparável. O conceito de interseccionalidade, cunhado no final dos anos 1980 por Kimberlé Crenshaw e amplamente desenvolvido por autoras como Collins e Bilge (2020), é fundamental para compreender essas sobreposições estruturais de poder e desigualdade. Em sua obra *Interseccionalidade*, Collins (2020) nos lembra que:

As relações de poder que envolvem raça, classe e gênero, por exemplo, não se manifestam como entidades distintas e mutuamente excludentes. De fato, essas categorias se sobrepõem e funcionam de maneira unificada. De fato, apesar de geralmente invisíveis, essas relações interseccionais de poder afetam todos os aspectos do convívio social (Collins; Bilge, 2020, p. 2).

A ideia de que a experiência de Glória não se reduz a um único eixo de opressão é importante para compreender a relevância do conceito de *interseccionalidade*, já que sua luta não foi apenas contra o machismo ou apenas contra o racismo, e sim contra as duas formas de opressão, operando juntas, dentro de uma estrutura que não favorece quem não se vê dentro dos padrões premeditados. A ascensão de Glória à posição de destaque, portanto, não pode ser lida como uma conquista “individualista” ou fruto apenas de esforço pessoal, mas como um ato político de resistência e sobrevivência em uma sociedade que estruturou o jornalismo para excluir mulheres como ela.

Collins e Bilge (2020) descrevem ainda a *interseccionalidade estrutural* como um modelo que revela como os sistemas de opressão estão entrelaçados nas instituições e práticas sociais. Glória, ao ocupar o cargo de correspondente internacional, ao entrevistar líderes mundiais e artistas renomados, e ao permanecer décadas à frente de um programa de enorme audiência, como o Fantástico, subverteu os códigos de uma elite midiática que muitas vezes tolera, mas não acolhe, corpos fora do padrão. Corpos esses que, justamente por serem diferentes, podem contribuir para diversas ocasiões. Afinal, faz sentido manter, principalmente em um país miscigenado como o Brasil, apenas um tipo de voz? Uma só narrativa? Padrões não limitam a mensagem, e até mesmo seu alcance?

Todo contexto já presente neste trabalho demonstra as diversas situações e contextos nos quais podemos estar inseridos. Apesar disso, a resistência de uma só pessoa pode gerar uma recompensa coletiva, mesmo que talvez ela seja lenta. Quando se vem de onde Glória Maria veio, ver aos poucos os espaços sendo tomados por pessoas parecidas com você faz com que se cresça um sentimento de gratidão e a sensação de abertura de oportunidades.

Quando Glória rompeu essas barreiras, ela não apenas garantiu um lugar para si, mas também quebrou o silêncio ao qual tantas outras mulheres negras foram historicamente submetidas. Sua figura pública representou, ao longo de décadas, uma espécie de ponto de inflexão simbólica: a confirmação de que é possível pertencer sem abdicar da identidade, e que é possível resistir sem deixar de existir em plenitude.

A partir da resenha de Souza Júnior (2020) da obra *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano* (2019) de Grada Kilomba, é possível compreender como a autora propõe uma reflexão crítica sobre os mecanismos de opressão e silenciamento que afetam as

identidades negras em espaços institucionais e sociais. Kilomba, intelectual, escritora e artista interdisciplinar portuguesa de origem africana, é reconhecida por abordar questões de raça, gênero e colonialismo com base em experiências pessoais e coletivas. Segundo a resenha, a autora denuncia o silenciamento sistemático das vozes negras e a persistência do racismo estrutural, apontando a necessidade urgente de descolonizar as estruturas de saber. Essa perspectiva se conecta diretamente à narrativa de figuras como Glória Maria, cuja presença em espaços majoritariamente brancos rompe com esse silenciamento e representa não só um feito individual, mas um avanço simbólico para a coletividade negra. Sousa (2020) pega a narrativa de Kilomba, e enfatiza:

O silenciamento das vozes oprimidas dá prosseguimento à romantização de que há uma articulação das vozes oprimidas no centro acadêmico. É necessário dar mais visibilidade a esses grupos que tem muito a acrescentar com suas epistemologias de mundo. É visto que a autora argumenta que as vozes da identidade negra têm sido sistematicamente invisibilizadas, desqualificadas, ironizadas (Sousa Júnior, 2020, p. 7).

Nesse sentido, a presença de Glória Maria adquire um valor que vai além da representatividade: ela quebra uma lógica histórica de exclusão e comprova que epistemologias outras, vindas de trajetórias não normativas, podem e devem ocupar o centro do debate público.

3. A TRAJETÓRIA DO TELEJORNALISMO BRASILEIRO E O SURGIMENTO DE GLÓRIA MARIA

A figura de Glória Maria se consolidou na mídia brasileira através do telejornalismo. Como já mencionado no primeiro capítulo deste trabalho, o reconhecimento de Glória advém de suas entrevistas, matérias, e seus trabalhos na TV. Levando isso em consideração, para que analisemos a figura de Glória como jornalista de forma mais precisa, é importante fazer uma breve passagem na história da televisão e do telejornalismo no Brasil. Faremos isso trazendo autores como Gustavo Teixeira de Faria Pereira (2020), Pedro Paulo Martins Serra (2020) e Humberto Junior Alves Viana (2019), que têm se dedicado, recentemente, a compreender o percurso histórico e simbólico da televisão brasileira, suas origens e transformações, bem como o papel do telejornalismo na construção da identidade nacional. De modo geral, esses estudos convergem na ideia de que a televisão, desde sua criação, ultrapassa a função técnica de difusora de imagens.

A televisão teve sua primeira transmissão no Brasil em 18 de setembro de 1950, com a inauguração da TV Tupi Difusora, de São Paulo. A iniciativa foi idealizada por Assis Chateaubriand, uma das figuras mais influentes do cenário político, cultural e midiático do país no século XX. Jornalista, advogado, empresário e diplomata, Chateaubriand construiu os Diários Associados²⁰, na época o maior conglomerado de comunicação da América Latina, composto por dezenas de jornais, revistas, emissoras de rádio e, mais tarde, estações de televisão (Pereira, 2020; Serra, 2020). Inspirado nos modelos estadunidense e europeu²¹, Chateaubriand via a televisão como um símbolo de progresso e modernidade, destinado às elites urbanas e intelectuais do país, mais como um espetáculo tecnológico do que um meio de comunicação de massa (Pereira, 2020; Serra, 2020).

Nos primeiros anos, a televisão brasileira era essencialmente experimental: a programação era transmitida ao vivo, com recursos técnicos limitados, e voltada a um público restrito, dada a escassez e o alto custo dos aparelhos receptores. O telejornalismo, nesse contexto, ainda não possuía formato próprio e padronizado. Os primeiros noticiários eram simples leituras de boletins e notícias de jornal, realizados por locutores de rádio, sem a presença marcante da imagem como elemento narrativo (Serra, 2020). Como descreve Edgard Ribeiro do Amorim (2007) na obra *História da TV Brasileira*, esse período foi marcado pelo pioneirismo e pela improvisação.

Os primeiros anos foram marcados pela fase de aprendizagem, tanto para os responsáveis pela parte técnica, que adquiriam maior formação profissional na prática, como para os da parte artística, que se expressavam dentro dos conhecimentos adquiridos no rádio, no cinema e no teatro. Os recursos técnicos eram poucos, com um equipamento mínimo para manter uma estação no ar. Mesmo assim, o veículo ia se expandindo e fazendo sua conquista pelo país. (Amorim, 2007, p. 8).

Com o passar da década de 1950, a televisão começou a se expandir e a adquirir importância cultural e política, especialmente a partir do desenvolvimento técnico e da consolidação de um modelo comercial baseado na publicidade (Viana, 2019). O surgimento de programas jornalísticos mais estruturados, como o *Repórter Esso*, na TV Tupi, marcou a transição para um jornalismo televisivo mais informativo, ainda que fortemente inspirado no

²⁰ Os Diários Associados são um dos mais antigos e tradicionais grupos de comunicação privados do Brasil, fundado em 1924 por Assis Chateaubriand. Atualmente, o grupo reúne dezenas de veículos de comunicação, incluindo jornais (como **Correio Braziliense** e **Estado de Minas**), redes de rádio, emissoras de televisão, portais de internet e outras plataformas, mantendo presença em mídia impressa, eletrônica e digital com alcance nacional e regional, e continua relevante no cenário midiático brasileiro. Media Ownership Monitor Brasil; Correio Braziliense, 2023/2025.

²¹ Serra (2020) observa que o modelo estadunidense de televisão se estruturou como um sistema comercial, baseado na concorrência entre redes privadas e no financiamento publicitário, enquanto o modelo europeu, especialmente o francês, consolidou-se como radiodifusão pública, fortemente centralizada e regulada pelo Estado no pós-guerra, com funções culturais e educativas mais evidentes. Essas diferenças refletem trajetórias históricas e políticas distintas nos dois contextos.

estilo radiofônico. Nesses primeiros telejornais, predominavam a leitura de textos em off, a centralidade da figura do locutor e a pouca utilização de imagens próprias (Serra, 2020). A organização das notícias seguia uma lógica linear e formal, com tom solene e foco na objetividade, características herdadas do rádio e do jornal impresso. Essa fase inicial também foi marcada por improvisação técnica, baixa mobilidade das equipes e ausência de reportagens externas regulares, fatores que reforçavam o caráter ainda experimental da linguagem televisiva (Pereira, 2020; Viana, 2019).

A consolidação do telejornalismo como linguagem própria ocorreu nas décadas seguintes, principalmente com a criação da TV Globo em 1965, que instituiu um modelo de produção jornalística centralizado, padronizado e visualmente mais elaborado. A emissora assumiu o papel de “narradora da nação”, construindo uma memória institucional do país e de si mesma, como defende Viana (2019):

A consolidação dos diversos produtos da TV Globo, especialmente, do “Jornal Nacional”, concretiza a criação de rotinas internas e de equipes capazes de realizar o trabalho de maneira industrial. Além disso, objetivava-se produzir programas que atendessem a diversas áreas, prezando ao máximo de qualidade técnica e estética. Formou-se, assim, um padrão de qualidade que, ao longo das próximas décadas, será amplamente difundido entre as emissoras de TV brasileiras. (Viana, 2019, p. 59)

Por conseguinte, a década de 1970 marcou um período decisivo para a consolidação da televisão brasileira como meio de comunicação de massa e instrumento de formação simbólica nacional. É interessante recordar que essa consolidação ocorreu em meio à repressão da ditadura civil-militar brasileira²², que percebeu o potencial da televisão como ferramenta de controle ideológico e de difusão de valores alinhados ao projeto político deste contexto. O governo investiu na expansão técnica e na criação de uma rede nacional de comunicação, ao mesmo tempo em que estabeleceu mecanismos de censura e vigilância sobre o conteúdo exibido.

Paralelamente, a introdução da tecnologia em cores e o uso de satélites aproximaram o Brasil da “aldeia global”²³ preconizada por Marshall McLuhan, como cita Amorim (2007), reduzindo distâncias e permitindo que as imagens televisivas alcançassem regiões até então isoladas. Segundo Amorim (2007), foi nessa década que o público da TV cresceu de maneira

²² A ditadura civil-militar brasileira (1964–1985) foi um regime autoritário instaurado após o golpe de 31 de março de 1964, marcado pela supressão de direitos políticos, censura, perseguição a opositores e participação de setores civis na sustentação do regime, como empresários, políticos e segmentos da mídia. O termo “civil-militar” destaca justamente essa cooperação entre agentes civis e militares na manutenção da estrutura de poder. (Agência Brasil, 2024).

²³ O termo “aldeia global” foi proposto por Marshall McLuhan em *Understanding Media* (1964) para designar o processo pelo qual as tecnologias eletrônicas de comunicação reduzem distâncias e integram diferentes partes do mundo em uma mesma experiência midiática.

vertiginosa, impulsionado por uma infraestrutura técnica cada vez mais robusta. Segundo Serra (2020):

As possibilidades oferecidas pela televisão ao tratamento da atualidade evoluíram de forma decisiva a partir dos anos 1960 e 1970. A rentabilidade econômica e simbólica de produtos jornalísticos variados adaptados à televisão, que se consolidou paulatinamente, engendrou demandas por novos formatos e novos perfis profissionais. A partir desse momento, que inaugurou um período em que a audiência da televisão passa a atingir altos níveis, ocorreu um processo de crescente consagração dos programas e dos profissionais que encarnam essas produções aos olhos do público. (Serra, 2020, p. 66)

A transmissão em cores, inaugurada oficialmente em 1972, consolidou a televisão como espetáculo visual e mercadoria simbólica, ao mesmo tempo em que reforçou a centralização da produção nas grandes redes do eixo Rio-São Paulo, sobretudo a Rede Globo de Televisão. No campo do jornalismo, o avanço tecnológico possibilitou transmissões ao vivo de acontecimentos internacionais, mediadas por satélites, o que transformou o telespectador em “testemunha” dos fatos em tempo real (Amorim, 2007; Serra, 2020). Um exemplo seria a Guerra do Golfo, em 1991, que foi o primeiro conflito armado que o Brasil e o mundo puderam assistir ao vivo na televisão²⁴.

Ademais, foi nessa década que se afirmou a televisão brasileira como uma das mais sofisticadas do mundo, capaz de unir inovação tecnológica, profissionalização jornalística e estratégias de legitimação cultural, como indica Serra (2020), cenário no qual surgiram nomes como a própria Glória Maria, que representava uma nova face no telejornalismo. Nesse período, a imagem do repórter nas telas também passou por um processo de redefinição: deixou de ser apenas a voz que narra acontecimentos para tornar-se uma presença visível, identificável e, de certa forma, protagonista das matérias televisivas. Com a ampliação das transmissões externas, o repórter se consolidou como figura que “entra em cena”, aparecendo diante da câmera para atestar a credibilidade do fato e aproximar o público do lugar do acontecimento (Serra, 2020). Sua ascensão ocorre justamente quando o jornalismo televisivo busca conciliar o imediatismo das transmissões via satélite e a estética da cor com a necessidade e tentativa de humanizar a notícia, aproximando-se do cotidiano e das experiências do público.

A versatilidade do tipo de legitimidade profissional de que gozam os apresentadores-jornalistas de rede lhes permite acumular altos volumes de notoriedade pública, ao circular, por exemplo, na apresentação de programas da rede como o Globo Repórter e o Fantástico ou reconverterem-se ao entretenimento. Uma vez abandonado o telejornalismo em direção ao entretenimento, recolhem os dividendos da notoriedade pública acumulada no altamente rentável mercado de

²⁴ Pela primeira vez, um conflito era transmitido ao vivo pela *Cable News Network (CNN)*, que se lançava como uma rede de alcance planetário. A emissora dos Estados Unidos entrou para a história da mídia global graças a um satélite retransmissor estrategicamente colocado em órbita estacionária. (Brasil de Fato, 2021).

trabalho da publicidade, fenômeno mais característico da experiência brasileira (Serra, 2020, p. 202).

A atuação de Glória em reportagens de alcance nacional e internacional simboliza um certo amadurecimento do telejornalismo no país, e anuncia uma nova fase em que a televisão deixa de ser apenas vitrine do progresso técnico para se tornar palco de mudanças. Por fim, a compreensão desse percurso histórico permite observar como a televisão brasileira, ao longo das décadas, passou por processos contínuos de modernização técnica, estética e institucional. Novos formatos, novos perfis de jornalistas (apesar de mantido o padrão de uma maioria de homens e mulheres brancos, jovens e magros), e uma lógica mais competitiva de produção são implementados, abrindo caminho para a televisão atual, atravessada por disputas simbólicas, pela cultura da celebridade e pela necessidade de se adaptar às transformações trazidas pela digitalização e pelas novas mídias. É esse cenário, em constante evolução, que será discutido a seguir.

3.1 Transformações do telejornalismo brasileiro: da televisão de referência à era digital

As décadas de 1980 e 1990 consolidaram a televisão como o principal meio de comunicação e entretenimento no Brasil, tornando-se também um espaço de consagração pública para jornalistas e apresentadores. Conforme aponta Amorim (2007), com o fim gradual da censura e o fortalecimento das grandes redes, especialmente a Rede Globo de Televisão, a programação televisiva diversificou-se e passou a ocupar um papel central na vida cultural do país. O telejornalismo, mais opinativo e interpretativo, ganhou destaque e novos protagonistas tornaram-se figuras de grande reconhecimento popular. François Jost (2010), no livro *Compreender a televisão*, propõe uma teoria para explicar como a TV constrói sentido e organiza os modos de ver do público, argumentando que a televisão não apenas mostra conteúdos, mas cria maneiras específicas pelas quais o espectador é convidado a interpretar o que vê. Esses regimes, segundo o autor, são três: o da informação, o da ficção e o do entretenimento/jogo. Cada um estabelece um contrato distinto com o público, definindo expectativas de verdade, autenticidade ou diversão. No regime informativo, por exemplo, o espectador espera precisão, prova e credibilidade (Jost, 2010).

É nesse contexto que se consolida no Brasil a figura do âncora, profissional que ultrapassa a função tradicional de “apresentador” ao assumir um papel mais ativo no processo de produção da notícia. Como define Camila Silva (2009, p. 1), o âncora é “um jornalista que

participa de toda a produção de um telejornal e, não só apresenta, como também comenta, interpreta e opina sobre as notícias”, tornando-se, assim, uma presença capaz de orientar a leitura dos acontecimentos e conferir unidade narrativa ao telejornal. Um dos principais exemplos de atuação na função no Brasil é Bóris Casoy. O jornalista foi um dos nomes fundamentais para a consolidação desse modelo, cuja atuação no *TJ Brasil*, a partir de 1988, contribuiu para instituir o âncora como figura de autoridade e opinião no telejornalismo nacional. Casoy não apenas apresentava o noticiário, mas também comentava e interpretava os fatos, instituindo um estilo próprio e marcando sua presença editorial com quadros opinativos. Essa solidificação, no entanto, não ocorreu sem controvérsias. Como observa Camilla Perez, ao analisar o papel do âncora no telejornalismo brasileiro.

Casoy desenvolveu um jeito bem particular de apresentar o programa que fugia do modelo norte-americano. Além de ler notícias e conduzir o telejornal, ele passou a fazer entrevistas e emitir comentários pessoais sobre os fatos noticiados, o que levou muitos críticos e profissionais de outras emissoras a acreditar que aquilo era uma deturpação do trabalho do âncora (Rezende, 2000, p. 127 *apud* Silva, 2009, p. 13).

Nesse período, surge o chamado “jornalista-estrela”, profissional que transita entre o jornalismo e o entretenimento, por se tornar figura pública e alcançar status (ou algo próximo disso) de celebridade – o que será abordado com mais profundidade posteriormente. O “jornalista-estrela” pode ser análogo a apresentadores de programas, como o *Jornal Nacional* e o *Fantástico*, que, após deixarem a função jornalística, se projetaram também em campanhas publicitárias. Um exemplo desse movimento é Fátima Bernardes, já que sua trajetória profissional evidencia essa transição entre jornalismo e entretenimento. Após anos na bancada do *Jornal Nacional*, Fátima migrou em 2012 para o programa *Encontro*, assumindo um formato mais voltado para variedades, entrevistas e interação direta com o público, fazendo inclusive, nesta mesma época, a sua primeira publicidade, que foi para a empresa de alimentos Seara. No comercial, ela aparece falando sobre mudar de carreira: “Transformei meu ‘boa noite’ em ‘bom dia’”. Se, em um primeiro sentido atribuído à mensagem, há o reforço da ideia de experimentar produtos novos da marca, como salsichas, linguças e pizzas²⁵, também há uma reiteração para a memória do público, uma vez que a imagem da apresentadora se consolidou durante sua carreira no jornalismo diário. Esse deslocamento de um telejornal de referência para um programa de entretenimento ilustra o processo pelo qual jornalistas passam a ocupar um lugar de visibilidade ampliada, circulando por diferentes gêneros televisivos e consolidando-se como figuras reconhecidas para além da

²⁵ FÁTIMA Bernardes estreia em comercial de TV vendendo ‘Seara’. Terra Diversão, 2014. Disponível em: https://www.terra.com.br/diversao/tv/fatima-bernardes-estreia-em-comercial-de-tv-vendendo-seara%2Cc8f11d9d83064410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 14 nov. 2025.

função estritamente informativa. Dessa forma, Bernardes pode ser considerada uma personificação desse fenômeno, que se encaixa no espectro das possibilidades de papéis que um jornalista pode ter na televisão contemporânea. No entanto, é importante destacar que esse movimento não ocorreu com Glória Maria, já que, ao longo de sua carreira, ela permaneceu vinculada ao jornalismo da TV Globo, atuando como repórter especial e apresentadora de programas jornalísticos, sem realizar uma migração estrutural para o entretenimento. Houve um episódio, porém, envolvendo seu nome em uma publicidade: em 2014, uma campanha de uma empresa alimentícia utilizou a imagem de Glória Maria em um vídeo que circulou na web, o que levou a Globo a solicitar a retirada do material por considerar inadequado que sua imagem jornalística fosse associada à marca²⁶. Embora isolado, esse caso pode mostrar como a forte identificação pública da repórter com o jornalismo influenciou a forma como sua imagem podia, ou não, ser mobilizada comercialmente. Posteriormente falaremos sobre Glória Maria como figura pública.

E esse não é um fenômeno exclusivo do Brasil, sendo observado também em outros contextos televisivos. Serra (2020), ao analisar a televisão francesa, destaca que até os anos 1980, “a migração ao entretenimento era uma forma de consagrar-se como celebridade da televisão tanto mais estratégica quando a consagração dentro do noticiário era obstruída pela prática predominante da alternância de apresentador dos noticiários de horário nobre ao longo da semana” (p. 150). Ele cita, inclusive, Patrick Poivre d’Arvor, francês precursor da figura do jornalista-apresentador estrela da televisão daquele país nos anos 1980 e 1990. Período que, segundo o autor, representa “o ponto mais alto de consagração dos jornalistas-apresentadores da televisão aberta”.

Chegando aos anos 2000, televisão brasileira, ao mesmo tempo em que se afirmava como indústria cultural, consolidada e referência de qualidade técnica, começou a enfrentar os desafios impostos pelas transformações tecnológicas. A chegada da internet e das novas mídias fragmentou a audiência e redefiniu o papel da TV, que passou a disputar a atenção do público com outras plataformas. Ainda assim, como ressalta Amorim (2007), o meio manteve enorme influência cultural e social, permanecendo como espaço privilegiado de visibilidade, formação de opinião e representação simbólica da nação.

A partir dos anos 2010, a televisão brasileira passou a integrar um ambiente convergente, no qual diferentes telas, sendo elas celulares, computadores, tablets e smart TVs,

²⁶ GLOBO manda tirar da web vídeo com propaganda de Glória Maria. Notícias da TV, 2014. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/globo-manda-tirar-da-web-video-com-propaganda-de-gloria-maria-3491>. Acesso em: 10 dez. 2025.

passaram a coexistir e disputar a atenção do espectador. Logo, o telejornalismo brasileiro passou a se reconfigurar diante da expansão da internet como espaço de circulação, armazenamento e até re-consumo de conteúdos televisivos. Como observa Gustavo Pereira (2020), a web tornou-se uma “outra tela” para o telejornalismo, permitindo que o público acesse reportagens e edições completas sem limitações temporais, consumindo-as sob demanda e a partir de lógicas do ambiente digital.

Com isso, abre-se na Internet um novo espaço para que os meios de comunicação de massa, principalmente as emissoras de TV, consigam expandir seus conteúdos, além de possibilitarem que usuários visualizem materiais produzidos para TV nessa segunda tela, e ainda conteúdos complementares e exclusivos para o ambiente web (Pereira, 2020, p. 23).

Nessa perspectiva, o telejornal deixa de estar restrito à transmissão linear e passa a integrar um novo espectro de plataformas, no qual o espectador interage, comenta, compartilha e negocia sentidos com outros usuários. Essa dinâmica transforma a relação entre público e emissoras, já que a internet não apenas redistribui conteúdos televisivos, mas também pauta, vigia e atua sobre o próprio telejornalismo, constituindo-se como espaço de participação cidadã e de fiscalização do trabalho jornalístico, o que Dutton (2007 *apud* Pereira, 2020) chama de “Quinto Estado”. Outra possibilidade que vem com a internet, é que “o usuário não apenas pode interagir, como também se torna potencialmente produtor de conteúdos, por meio de curtidas, comentários, compartilhamentos, ou mesmo com o desenvolvimento de seu próprio espaço de fala” (Pereira, 2020).

Diante dessas transformações, que vão da expansão da TV aberta à circulação de conteúdos em múltiplas telas e formatos digitais, a televisão deixou de ser um meio fechado para se tornar um sistema integrado a outras plataformas. O meio mantém um peso significativo na formação de opiniões e na construção de figuras públicas. Nesse contexto digital, o repórter passa a “alimentar” também as redes sociais, mostrando bastidores, trechos de entrevistas, dentre outras interações em diferentes sites e aplicativos. Atualmente é comum também que, por exemplo, o repórter grave chamadas e inserções diretamente para as redes sociais, e participe de interações com os internautas, aumentando naturalmente o engajamento para além das grandes telas de televisão. A partir desse panorama histórico e tecnológico, a próxima seção discorre sobre o jornalista e sua presença nas telas de TV - e de outros eletrônicos mais modernos - analisando a figura pública que Glória Maria se tornou, graças às suas matérias e apresentações emblemáticas.

3.2 O repórter entre o fato e o público: corpo, presença e mediação

Para iniciarmos essa seção, é interessante contextualizarmos os profissionais do jornalismo. O jornalista é o profissional responsável por apurar, selecionar, interpretar e comunicar informações de interesse público, dialogando com a pessoa que o assiste, ouve, ou lê sua matéria na internet da melhor forma possível, prezando pela veracidade dos fatos e pela qualidade do produto que entrega (Traquina, 2004). Pode-se dizer, então, que o jornalista opera como mediador entre fatos do cotidiano e sociedade, participando ativamente da construção de sentidos, já que toda seleção, enquadramento e narrativa produz uma determinada visão de mundo.

Para além dessa definição normativa, é fundamental observar quem são de fato os sujeitos que ocupam o campo jornalístico no Brasil. Para entender melhor qual espaço é ocupado por quem, recorremos à pesquisa nacional “Perfil do Jornalista Brasileiro”, desenvolvida de forma colaborativa pelo Laboratório de Sociologia do Trabalho (Lastro/UFSC) e pela Rede de Estudos sobre Trabalho e Profissão (RETIJ), vinculada à Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Dados dessa pesquisa indicam que o meio jornalístico é majoritariamente composto por mulheres (58%) e pessoas brancas (cerca de 68%), com predominância de profissionais jovens, com até 40 anos. Apesar da presença feminina expressiva, houve redução em relação a levantamentos anteriores, o que evidencia dinâmicas ainda instáveis de participação. Do ponto de vista racial, a predominância de profissionais brancos também evidencia desigualdades estruturais no acesso e permanência na profissão.

É nesse contexto que se insere a figura do repórter, aquele que vai ao local do acontecimento, que testemunha, observa, coleta informações, interage com fontes e transforma tudo isso em narrativa jornalística. Ele “mostra”, contextualiza e dá forma visual (no caso da televisão) à notícia. Se o jornalista, no sentido mais amplo, é o mediador, o repórter de TV é o mediador que se expõe, que se coloca diante das câmeras e da cena, atuando como ponte sensível entre o público e o fato. Traquina (2004), em sua obra *Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são*, argumenta:

E era para esse mundo dos fatos que esta nova figura do campo jornalístico – o repórter – fazia um esforço supremo: a respiga²⁷ e a montagem dos fatos. E este esforço tentava transformar o jornalismo numa máquina fotográfica da realidade, ou seja, na sua ideologia profissional, o espelho da realidade. A caça hábil dos fatos

²⁷ RESPIGADO. In: *Dicionário inFormal*. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/respiga/>. Acesso em: 27 nov. 2025.

dava ao repórter a categoria comparável à do cientista, do explorador e do historiador. Posteriormente, iria emergir uma nova forma jornalística baseada num trabalho exaustivo dos fatos: o jornalismo de investigação (Traquina, 2004, p. 42).

Dito isso, como o repórter dá relevância às nuances do dia a dia? Na prática, como ele se porta para ser relevante na reportagem que passa na tela da nossa TV?

3.2.1 Figura do repórter e profissionalização do jornalismo

Com o avanço da televisão, sobretudo a partir da década de 1970, como vimos anteriormente, o repórter deixou de ser apenas uma voz em off e passou a ser um corpo presente na narrativa. Logo, sua imagem confere autenticidade, credibilidade e proximidade, marcando o que Serra (2020) descreve como a necessidade crescente de humanizar a informação. A presença do repórter “no local dos fatos” tornou-se um recurso narrativo fundamental para conferir legitimidade e criar a sensação de testemunho compartilhado. Então, segundo o autor, o repórter de televisão dá ao fato forma e sentido, de acordo com seu estilo, abordagem, tom de voz, postura corporal e até mesmo sua trajetória profissional orientam a interpretação do público. Com a consolidação da televisão, essa influência tornou-se ainda mais visível, pois o repórter passou a ser figura reconhecível, passível de identificação e, muitas vezes, admiração.

Mas, seria fantasioso dizer que o caminho para o reconhecimento do repórter e do jornalista de um modo geral como profissão não foi árduo. Antes de ser considerado uma figura mediadora de informações crucial para a sociedade, houve muitos debates sobre sua profissionalização e reconhecimento formal serem merecidos ou não²⁸. Ao longo do século XIX e início do XX, ainda na época em que o principal meio de veiculação das notícias era o impresso, especialmente na Europa (destaque para França e Inglaterra), o jornalismo ainda buscava se distinguir de práticas como o panfletarismo político e a literatura opinativa, e os atuantes da área eram menosprezados pela elite intelectual e profissional da época. A

²⁸ Em janeiro de 2025, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Acre (Sinjac) manifestou apoio às declarações de Samira de Castro, presidenta da FENAJ, em defesa da revisão da decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) que, em 2009, extinguiu a obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão jornalística. O debate retomado pela entidade relaciona-se ao histórico da regulamentação profissional no Brasil, definida pelo Decreto-Lei nº 972/1969 e atualizada pelo Decreto nº 83.284/1979, que estabeleceram as atividades e garantias da categoria. Apesar dessa base legal, o STF decidiu, no julgamento do RE 511961 (2009), que o diploma de nível superior em Jornalismo não é requisito obrigatório para o exercício da profissão. Desde então, o registro profissional no Ministério do Trabalho continua existindo e sendo utilizado como forma de reconhecimento e organização da categoria, mas a atividade passou a ser de acesso livre. Disponível em: <https://sinjac.com.br/sinjac-apoia-revisao-da-decisao-do-stf-sobre-exigencia-de-diploma-para-jornalistas/>. Acesso em: 27 nov. 2025.

atividade jornalística era associada à manipulação e ao oportunismo, muito distante do ideal profissional que só começaria a se consolidar décadas depois. Traquina (2004), ainda na obra *Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são*, passa por essa fase da história, inclusive pouco conhecida, em sua obra, parafraseando O'Boyle, (1968): “levou algum tempo, certamente, antes de homens de reputação estarem dispostos a associar-se abertamente ao jornalismo”.

Na França, na primeira metade do século XIX, segundo O'Boyle (1968:298), a imagem do jornalista era a de um homem que era “ele próprio um fanático político ou alguém que queria explorar o fanatismo de outros para os seus próprios fins” (Traquina, 2004, p. 53).

Ao longo da obra, Traquina (2004) ainda cita O'Boyle novamente, junto com mais autores para reforçar a luta que aconteceu para que o jornalista não fosse visto como fútil ou “ninchado”. Essa visão revelava não apenas o desprestígio social da profissão, mas também as condições precárias em que muitos jornalistas trabalhavam. Como observa Traquina (2004), os redatores e repórteres do período atuavam em ambientes instáveis, com baixa remuneração, pouca autonomia editorial e até dependência de partidos políticos e grupos econômicos para sobreviver. Além disso, o jornalismo ainda não possuía rotinas consolidadas, códigos profissionais, critérios de objetividade ou distinções claras entre opinião, propaganda e relato factual, o que dificultava a construção de uma identidade ocupacional reconhecida e contribuía para a desconfiança pública.

Apesar do papel central dado à imprensa (e, mais tarde, a todos os media) pela teoria democrática, bem como o reconhecimento do poder do jornalismo desde a famosa referência ao “Quarto Poder” em 1828, o jornalismo tem sido, historicamente, uma profissão pouco prestigiada. O sociólogo norte-americano Michael Schudson reconhece que o jornalismo não tem tido muito prestígio historicamente. Escreve Schudson (1983:1): O jornalismo não é uma das profissões consideradas . O jornalismo está mais bem estabelecido agora mas ainda não está entre as profissões respeitadas. Apesar dos jornalistas na Europa, nos Estados Unidos, e noutros locais se terem associado aos ricos e poderosos, nunca foram respeitados por eles (Traquina, 2004, p. 60).

Para além do papel já dito anteriormente nessa seção como fundamental, principalmente para conferir às informações veracidade e humanidade, há ainda mais significado no profissional do jornalismo quando olhamos para esse percurso histórico, e torna-se ainda mais evidente o peso dessa conquista. A relevância atual do jornalismo, sua capacidade de gerar identificação e confiança no público, está diretamente ligada a essa trajetória de afirmação e à persistência da categoria em defender sua integridade profissional.

Em resumo, o passado de desconfiança e descaso contrasta com a imagem contemporânea construída pela própria cultura jornalística. Se em suas origens o jornalista era visto como alguém suspeito e manipulável, a consolidação do jornalismo moderno,

principalmente no século 20, transformou essa figura em símbolo de vigilância e serviço público, e assim o repórter deixa de carregar o estigma do amadorismo e passa a ter um valor simbólico que ultrapassa o fazer cotidiano. A figura desse profissional, tal como é reconhecida hoje, não surge de maneira espontânea, mas tem origem no desenvolvimento da imprensa moderna nos séculos XIX e XX, quando a atividade jornalística passou a exigir não apenas a reprodução de informações, mas a busca ativa pelos acontecimentos. A partir daí, práticas como entrevistas, investigação, consulta a documentos, contraste de versões e ida ao local dos fatos tornam-se parte do repertório técnico do repórter. Traquina (2004) identifica esse processo como a construção de uma cultura da reportagem, que dá ao repórter a função de mediador entre o acontecimento e o público.

E os jornalistas utilizaram novas técnicas no seu trabalho, como a descrição das testemunhas e dos cenários. Os repórteres recorrem cada vez mais à técnica de entrevistar as pessoas na obtenção dos fatos. A técnica da entrevista foi utilizada pela primeira vez por um dos primeiros jornais da nova penny press, The New York Herald, numa reportagem sobre um crime que teve lugar num bordel, com uma entrevista com a proprietária do negócio. Depois da Guerra Civil norte-americana, a utilização da entrevista tornou-se vulgar. Outra técnica nova no trabalho jornalístico, o recurso a fontes múltiplas, tornou-se uma prática estabelecida (Traquina, 2004, p. 47).

Então, o repórter televisivo combina duas tradições: a da reportagem clássica, fundamentada na apuração rigorosa e nos métodos profissionais consolidados ao longo do século XX, e a das demandas estéticas e narrativas da televisão mais modernas, que exigem presença, clareza, ritmo, expressividade e capacidade de traduzir o acontecimento para o espectador. Nesse contexto, o trabalho do repórter envolve um conjunto de práticas específicas, como a realização de entrevistas, a observação direta dos fatos, a coleta de depoimentos e imagens, a construção do texto e a aparição em cena por meio das passagens, elementos que articulam informação e narrativa audiovisual. Na obra “Quando o repórter aparece na TV: o corpo e a voz da notícia no telejornalismo”, Filipe Silva e Flávio Porcello (2016) discorrem sobre algumas das funções do repórter:

No telejornalismo, o repórter se encontra em um eixo central de mediação. Em uma esfera restrita ao universo profissional, podemos afirmar que ele precisa agenciar anseios e expectativas dos colegas de trabalho que anteveem a reportagem (produção) e daqueles que a finalizam (edição) para exibição, assim como mediar as diversas vozes que serão ouvidas ao deixar a redação para captar imagens e entrevistas que farão parte da reportagem. Sob uma perspectiva abrangente, o repórter também faz a mediação entre a instituição televisão e a sociedade para a qual reporta (Silva; Porcello, 2016, p. 12).

Ao articular diferentes instâncias (a equipe de produção, as fontes, a edição e o público), o repórter assume um papel estratégico na organização do discurso jornalístico, o

que contribui diretamente para o reconhecimento e a legitimação da profissão ao longo do tempo.

Por fim, a profissão passou a se legitimar não apenas pelo rigor técnico ou pela função social que desempenha, mas também por uma narrativa identitária que valoriza o sacrifício, a busca pela verdade e o enfrentamento do risco. Nesse processo de profissionalização, como observa Tuchman (1978 *apud* Traquina, 2004), o jornalismo também desenvolveu rotinas produtivas que padronizam o trabalho cotidiano e permitem aos repórteres lidar com diferentes tipos de acontecimentos de maneira mais eficiente.

3.2.2 O repórter entre acontecimento, visibilidade e reconhecimento social

Quando o repórter se torna visível de forma rotineira, ele pode também assumir a condição de figura pública e, em muitos casos, aproximar-se do que entendemos como celebridade. Para compreender esse fenômeno, o trabalho de Paula Simões e Vera França (2019) é fundamental. As autoras argumentam que as celebridades não devem ser interpretadas como fenômenos superficiais, mas como sinais sociais: “as figuras de destaque em uma sociedade sinalizam inquietações, anseios e valores”. Assim, a “fama” jornalística não pode ser lida apenas como reconhecimento profissional, ela se transforma em um dispositivo simbólico que revela o que a sociedade valoriza, prestigia ou rejeita em determinado momento histórico. Simões e França (2019, p. 5), ao definir o conceito, explicam que celebridade articula três dimensões centrais: “conhecimento, reconhecimento e culto”, indicando alguém “conhecido por muitas pessoas, reconhecido por aquilo que é ou faz, cultuado enquanto uma certa excepcionalidade digna de admiração e reverência”. Esse apoio ajuda a compreender por que certos jornalistas vão além do âmbito estritamente profissional e passam a ocupar um lugar simbólico na esfera pública. Além dessa definição estrutural do que significa ser celebridade, França e Simões (2019) propõem uma tipologia que ajuda a compreender como determinadas figuras alcançam visibilidade social. Segundo as autoras, celebridades emergem da ocupação de posições de prestígio ou proximidade com essas posições, da posse de atributos notáveis ou desempenho exemplar, e da inserção em acontecimentos significativos. No telejornalismo, repórteres frequentemente atravessam essas três vias, já que elas já tem o apoio da mídia para terem sua imagem transmitida publicamente (o que será mais discutido em breve), da atuação profissional que pode se tornar chamativa cômica ou tecnicamente (matérias que geram repercussão tanto pelo assunto em si quanto pela qualidade técnica), e a presença/ cobertura, por exemplo, em ou de algum evento.

Quanto mais suas práticas geram atenção, ressonância emocional e identificação, mais eles se aproximam da lógica da celebridade. Assim, a celebridade jornalística não nasce do acaso, mas emerge da combinação entre a presença pública constante, o lugar institucional ocupado e a força simbólica dos acontecimentos que o repórter vivência e narra. Como apontam as autoras, “celebridades podem surgir de acontecimentos, assim como, com frequência, elas os provocam” (Lana; Simões, 2012 *apud* França; Simões, 2019, p. 10).

Aplicando esses referenciais ao campo jornalístico, podemos dizer que entrevistas emblemáticas, coberturas e reportagens de grande repercussão são verdadeiros acontecimentos, sendo momentos em que a imagem do jornalista se transforma em palco para a produção e disputa de valores sociais, reverberando na sociedade. Como explicam Simões e França (2019), apoiando-se em Quéré, “acontecimentos são ocorrências que quebram a normalidade da vida social; são emergências que rompem com a continuidade da experiência e afetam a vida dos sujeitos” (Quéré, 2005, 2012 *apud* Simões; França, 2019, p. 10). Ademais, Bárbara Lima (2021), também traz reflexões acerca do conceito e das várias formas de abordar celebridade e acontecimento, fazendo inclusive uma conexão com a interseccionalidade, já que, segundo ela: “[...] se ser uma celebridade é, em si, um processo cheio de peculiaridades, ser uma celebridade feminina é carregar, além dessas particularidades, outras que dizem respeito a como o gênero é tratado em nossa sociedade” (Lima, 2021, p. 27). Essa afirmação é muito assertiva quando nos propomos a pesquisar sobre mulheres negras que alcançaram uma notoriedade significativa, ainda mais no Brasil. No caso de Lima (2021), Elza Soares, e no caso desta pesquisa, Glória Maria. Ao discutir sobre um meio termo entre dois extremos, que são o subjetivismo (que foca apenas nas individualidades da celebridade) e o estruturalismo (que desconsidera as individualidades), Lima cita a perspectiva pós-estruturalista de Rojek (2008), e a complementa com o “jogo intertextual”, de Simões:

Um olhar atento às próprias celebridades e ao modo como elas configuram sua face pública, mas ao mesmo tempo atento às relações entre elas e os sujeitos ordinários. Um olhar que se volte para os diferentes discursos que edificam os ídolos na sociedade midiaticizada, a partir de emoções, sentimentos e afetos que se manifestam a partir deles. Um olhar que perceba as celebridades como produtos de seu tempo, que revelam traços e valores da sociedade que permite sua emergência. Um olhar que possa dar conta das complexas relações entre o público e o privado, entre a intimidade e a exposição, entre o célebre e o ordinário, entre o econômico e o cultural, cujas fronteiras vêm se diluindo na cena midiática hodierna. Um olhar, portanto, relacional, que compreenda as celebridades como fenômenos comunicativos construídos a partir de múltiplas interações. (Simões, 2013, p. 117 *apud* Lima, 2021, p. 29).

Nesse contexto, a trajetória de Glória Maria pode ser citada ao pensar na interseção entre repórter, acontecimento e celebridade, sem deixar de lado a interseccionalidade, também discutida nas primeiras seções desse trabalho. Suas reportagens internacionais, o apelo narrativo das matérias e sua presença carismática na tela consolidaram sua reputação profissional, e se tornaram episódios midiáticos capazes de mobilizar audiências e produzir sentidos coletivos. Tanto como repórter de campo quanto como personagem pública, a atuação de Glória ilustra como a construção de notoriedade jornalística pode se revelar um dispositivo interpretativo. Nessas condições, a celebridade jornalística surge não como desvio, mas como efeito estrutural do modo de funcionamento da mídia contemporânea, em que narradores e narrativas se entrelaçam na produção de significados públicos.

O que proporciona fama e celebridade para um indivíduo ou grupo? Duas respostas, imediatas e gerais, podem ser dadas inicialmente: a situação e/ou as qualidades de uma pessoa; as condições sociais que a cercam – entre elas, o uso e acesso à mídia. Esta última, aliás, tem sido a resposta quase consensual entre os autores: a celebridade é resultado do poder da mídia (França; Simões, 2019, p. 43).

Reunindo, então, os eixos interpretativos citados, os próximos passos examinarão momentos da carreira de Glória que mostram como as reportagens – e a repórter – operaram como acontecimentos midiáticos capazes de cristalizar disputas de representação, valor e raça no telejornalismo brasileiro.

4. COMO OLHAR GLÓRIA MARIA COMO OBJETO DE PESQUISA?

A presente pesquisa propõe estudar de que maneira Glória Maria contribuiu para a transformação do telejornalismo brasileiro, tanto em sua estrutura narrativa quanto na ampliação da representatividade de mulheres e pessoas negras na profissão. Para isso, busca compreender Glória Maria enquanto repórter e sua influência como referência para outras profissionais negras na comunicação. Assim, nossa proposta de análise parte de dois eixos: acontecimentos midiáticos relacionados ao exercício da profissão (momentos icônicos protagonizados por ela), e relatos presentes no documentário Glória (2025), disponível na plataforma de *streaming* Globoplay. Essa divisão permite compreender, por um lado, os modos pelos quais Glória construiu um estilo narrativo próprio e, por outro, como sua presença na televisão abriu caminhos para novas gerações, também ampliando o debate sobre representatividade na mídia e representando a materialização do combate ao racismo.

No primeiro eixo, “Glória repórter”, são observadas situações em que a própria reportagem transcende o papel de registro factual e se converteu em acontecimento midiático. Reportagens conduzidas por Glória Maria frequentemente extrapolavam a narrativa tradicional do telejornalismo, alcançando repercussão social e cultural. É possível destacar, nesse sentido, dois momentos emblemáticos de sua trajetória: a cobertura diante do Hotel Copacabana Palace, no Rio de Janeiro, quando repórteres não costumavam aparecer diante das câmeras, bem como a manifestação da repórter contra o racismo, e a reportagem na Jamaica, em que participou do ritual cultural do consumo de maconha, exemplificando sua disposição em se inserir de forma autêntica nas práticas locais. Esses exemplos ilustram como a figura da jornalista, mais do que o conteúdo, podia converter-se em acontecimento midiático.

O segundo eixo analítico corresponde a trechos do documentário Glória (2025), compreendido nesta pesquisa como uma obra de caráter retrospectivo e interpretativo, que articula elementos biográficos, trechos de reportagens históricas e depoimentos de colegas, amigos e especialistas. O documentário é analisado como um dispositivo de memória midiática que contribui para a consolidação da imagem pública de Glória Maria e para a reflexão sobre seu impacto simbólico, especialmente no que diz respeito à representatividade de mulheres negras no jornalismo televisivo brasileiro. O impacto de sua presença ultrapassa o nível individual, configurando-se como um marco coletivo: muitas profissionais, ao ocuparem espaços de visibilidade, reconhecem em Glória um referencial. O documentário articula memórias pessoais e registros jornalísticos, permitindo evidenciar como sua trajetória

foi ressignificada como patrimônio simbólico nacional, combinando também registros jornalísticos com memórias íntimas, e permitindo uma leitura ampliada da sua jornada no jornalismo. O documentário é também uma homenagem que reconta a história da repórter como patrimônio coletivo, sublinhando seu papel como símbolo de resistência, competência e empoderamento.

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo qualitativo, com caráter interpretativo, tomando como base uma análise discursiva de materiais jornalísticos e audiovisuais relacionados à trajetória profissional de Glória Maria. A escolha dessa abordagem metodológica se justifica pelo interesse em compreender não apenas os conteúdos, mas também os posicionamentos da jornalista e as construções simbólicas de raça, gênero e visibilidade pública no telejornalismo brasileiro. Ao mergulhar nos contextos sociais em que Glória era/foi inserida, vimos mais de perto sua luta e as superações pelas quais ela passou para ser reconhecida como mulher e repórter.

Assim, ao articular esses dois eixos, a análise busca compreender tanto o caráter inovador das práticas jornalísticas de Glória Maria, quanto sua função como referência de representação e inspiração no campo da comunicação brasileira.

Os procedimentos metodológicos envolveram a visualização dos materiais audiovisuais selecionados, bem como a identificação de elementos considerados relevantes para os objetivos da pesquisa, articulados ao referencial teórico convocado anteriormente. A análise levou em conta seus contextos de produção e circulação, buscando compreender como determinados sentidos são construídos e atualizados ao longo do tempo. Trata-se de uma investigação que se apoia na observação das estratégias narrativas e das maneiras pelas quais Glória Maria se coloca, simultaneamente, como repórter, personagem e figura pública.

A análise foi orientada pelos conceitos abordados ao longo do próprio processo de pesquisa, entre as quais se destacam: corpo racializado, excepcionalidade, presença do repórter, experiência pessoal como pauta jornalística e figura pública/celebridade. Nesta pesquisa, buscamos observar e analisar como esses elementos emergem a partir da imagem de Glória Maria em diferentes momentos, sem elencarmos os mesmos como categorias isoladas, mas de que forma perpassam a própria atuação da repórter. Assim, nos permitiram aproximar os diferentes materiais analisados do aporte teórico sobre gênero, raça e o próprio jornalismo, e compreender como a trajetória de Glória Maria tensiona modelos tradicionais de neutralidade jornalística, ao mesmo tempo em que aponta para formas singulares de atuação e visibilidade da mulher negra no telejornalismo brasileiro.

4.1. UMA MULHER NEGRA COM UM MICROFONE

Nas primeiras seções desta pesquisa, foram propostas reflexões acerca de raça e gênero na trajetória de Glória Maria, abordando conceitos como interseccionalidade, *outsider within*, e negro único. Ao mergulhar nos contextos sociais em que Glória era/foi inserida, vimos mais de perto, e com mais sensibilidade, sua luta e as superações pelas quais ela passou para ser reconhecida como grande mulher e repórter.

Para iniciar e evidenciar esses desafios abordados no início do texto, trazemos o episódio de racismo sofrido por Glória, em 2 de junho de 1980, evento que ultrapassou as fronteiras de sua experiência pessoal e se transformou em acontecimento midiático com repercussão nacional, relatado pela própria repórter na edição daquele dia do Jornal Hoje. O episódio ocorreu ainda durante o período da ditadura militar brasileira, contexto marcado por restrições à liberdade de expressão e por uma limitada visibilidade pública de denúncias relacionadas a desigualdades sociais e raciais, o que torna sua repercussão midiática ainda mais significativa. Na época, a jovem Glória já era uma repórter em ascensão na TV Globo quando foi impedida de entrar no Rio Othon Palace, em Copacabana, pelo subgerente Chester Stanley. Ao questionar a razão da proibição, a resposta foi “negro não entra aqui no hotel”.

A forma como Glória reagiu, de imediato, revela uma dimensão fundamental de sua trajetória: a recusa em naturalizar práticas discriminatórias e a consciência de sua posição pública enquanto mulher negra em um ambiente predominantemente branco, como já discutimos. Segundo relatos da época, a jornalista perdeu a calma, exigiu seus direitos, acionou a polícia e fez questão de registrar formalmente a ocorrência.²⁹ É justamente no momento da passagem que esse episódio adquire centralidade do ponto de vista do telejornalismo. Tradicionalmente, a passagem é o instante em que o repórter aparece em cena para contextualizar o fato, funcionando como mediação entre o acontecimento e o público, sem que sua presença se sobreponha à notícia. No caso em questão, contudo, a pauta originalmente prevista é deslocada: a reportagem deixa de tratar apenas do assunto inicialmente designado e passa a se organizar em torno do episódio de racismo sofrido pela própria repórter. Ao realizar a passagem a partir de sua experiência direta, Glória transforma o acontecimento em narrativa jornalística, rompendo com a separação clássica entre sujeito que reporta e objeto reportado. O telejornalismo, assim, incorpora o corpo da repórter como parte

²⁹ GLÓRIA Maria: como foi o caso de racismo no hotel e o que aconteceu com o acusado. O Globo, 2023. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/blogs/blog-do-acervo/post/2023/02/gloria-maria-como-foi-o-caso-de-racismo-no-hotel-e-o-que-aconteceu-com-o-acusado.ghtml>. Acesso em: 4 de nov. 2025.

constitutiva da notícia, fazendo da passagem não apenas um recurso técnico, mas um gesto editorial que explicita o racismo como tema central da cobertura. Como dito na obra “Quando o repórter aparece na TV”, anteriormente citada: “Sob uma perspectiva abrangente, o repórter também faz a mediação entre a instituição televisão e a sociedade para a qual reporta” (Silva; Porcello, 2016, p. 12)

Esse episódio revela uma chave de leitura importante para compreender Glória Maria: sua presença na mídia nunca esteve dissociada de seu corpo racializado. Ainda que tenha sido frequentemente tratada sob a lógica da excepcionalidade, sua trajetória sempre dialogou com a estrutura de desigualdades raciais do país. Como discutido anteriormente nesse texto, citando Frantz Fanon, o corpo negro é socialmente construído como lugar de projeção do racismo, marcado por estigmas que antecedem o próprio sujeito e muitas vezes o reduzem à condição de objeto sob o olhar branco. No caso de Glória, a violência sofrida no hotel explicita que, independentemente de sua posição profissional ou visibilidade pública, seu corpo continuava sendo lido prioritariamente a partir da hierarquia racial. Ao mesmo tempo, sua inserção no telejornalismo, a posiciona naquilo que Patricia Hill Collins (2016) define como *outsider within*: alguém que ocupa um lugar institucional de prestígio, mas permanece estruturalmente percebida como corpo “estranho”, cuja legitimidade é colocada à prova. Aqui, contudo, há um elemento ainda mais decisivo para esta pesquisa, a forma como a repórter transforma sua própria experiência de violência racial em pauta jornalística.

Figura 1 – Glória Maria na recepção do hotel



Fonte: Magalhães, 2023.³⁰

No dia seguinte ao episódio, Glória voltou ao hotel não como vítima, mas mais uma vez como jornalista. Produzindo uma reportagem sobre o caso, entrevistou o gerente-geral, registrou o posicionamento oficial do estabelecimento e revelou ao público o desencontro entre a alegação do subgerente, de que acompanhantes não podiam subir após determinada hora, e o próprio regulamento do hotel. Assim, a reportagem deixa de ser apenas relato factual e torna-se enunciação do próprio sujeito-jornalista. Glória é simultaneamente narradora e acontecimento, rompendo com a lógica de invisibilidade ou neutralidade total, do repórter tradicional. Embora o subgerente tenha sido indiciado com base na Lei Afonso Arinos³¹

³⁰ MAGALHÃES, Otávio. Glória Maria na recepção do hotel: 'Essa briga eu levo até o fim'. O Globo, 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/blog-do-acervo/post/2023/02/ gloria-maria-como-foi-o-caso-de-racismo-no-hotel-e-o-que-aconteceu-com-o-acusado.ghtml>. Acesso em: 4 nov. 2025.

³¹ A Lei nº 1.390, de 3 de julho de 1951, conhecida como *Lei Afonso Arinos*, proíbe que estabelecimentos recusem atendimento, hospedagem ou serviços a alguém “por preconceito de raça ou de cor” e prevê pena de prisão simples e multa para quem pratique tais atos. Foi proposta pelo deputado federal Afonso Arinos de Melo Franco (1905-1990), membro da União Democrática Nacional (UDN), e sancionada pelo presidente Getúlio Vargas. Em 1985 ela recebeu alteração pela Lei nº 7.437, ampliando algumas hipóteses de condutas contravenacionais, e sua lógica de combate à discriminação racial como contravenção foi posteriormente superada pela Lei nº 7.716/1989 (“Lei Caó”), que passou a tipificar o racismo como crime inafiançável e imprescritível em consonância com a Constituição de 1988. Afonso Arinos, homenageado no nome da lei, foi diplomata, político e intelectual brasileiro que dialogou com o debate sobre igualdade e combate ao preconceito racial em meados do século XX. Fonte: BRASIL. Lei nº 1.390, de 3 de julho de 1951. Disponível em:

(primeira legislação brasileira a tipificar discriminação racial como contravenção penal), o processo judicial terminou com a absolvição do acusado. Apesar disso, há de se dizer que a coragem de Glória ao expor esse episódio fatídico é evidente, e demonstra resistência a um tipo de opressão que, até hoje, não foi extinta e muitas vezes nem é devidamente punida. Dados do Disque 100, canal oficial brasileiro de recebimento de denúncias de violações de direitos humanos, mostram que, entre janeiro e novembro de 2024, foram registradas mais de 5,2 mil violações de racismo e injúria racial, evidenciando a persistência de práticas discriminatórias na vida social cotidiana, ressaltando que o número não condiz com a totalidade do real e é um recorte, havendo também uma subnotificação. Enfim, do ponto de vista desta pesquisa, esse caso inaugura um modo de Glória ocupar o telejornalismo, sendo ele como sujeito que não apenas reporta o mundo, mas também o tensiona, e não se contenta.

Figura 2 – Passagem de Glória em frente ao hotel onde sofreu racismo



Fonte: UOL (autoria da Globo), 2025³²

Esse gesto adquire ainda maior densidade simbólica quando situado no contexto histórico da década de 1980, período marcado pelo fortalecimento dos debates públicos sobre

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-1390-3-julho-1951-361802-norma-pl.html>. Acesso em: 29 jan. 2026.

³² Glória Maria foi vítima de racismo no Rio Othon Palace em 1980. Globo, 2025. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2025/04/29/hotel-lamenta-caso-de-racismo-contragloria-maria-ha-45-anos-repudio.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 4 nov. 2025.

raça, identidade e representação, tanto no Brasil quanto no cenário internacional. Por exemplo, em 1981, Abdias Nascimento fundou o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (Ipeafro), dedicado à preservação da memória e à produção de materiais educativos sobre a história africana e afro-brasileira. E em 1988, ano do centenário da abolição da escravidão, foi criada a Fundação Cultural Palmares, e a Constituição Federal reconheceu o racismo como crime inafiançável e imprescritível³³. Esses marcos expressam um avanço em torno da igualdade racial e da disputa por representação, deixando mais densa e legítima a atuação de sujeitos negros nos espaços midiáticos.

A segunda atuação/acontecimento que integra o corpus deste trabalho foi ao ar 36 anos após o primeiro. Dois momentos tão distantes temporalmente reforçam a permanência da figura da repórter, e também sua concretização como figura pública e celebridade. Então, como um dos materiais de Glória que “furou a bolha” do jornalismo, e virou até meme da internet, atingindo assim outros públicos e contextos, escolhemos a reportagem realizada por Glória Maria na Jamaica para evidenciar a figura pública e carismática que a repórter conseguiu ser. É interessante destacar que este não foi um caso isolado: ao longo desses anos, outros momentos da trajetória de Glória também passaram a circular amplamente nas redes sociais, convertendo-se em recortes, memes e vídeos reeditados, o que evidencia como sua imagem ultrapassou os limites do telejornalismo tradicional e passou a operar também na lógica da cultura digital e da memória coletiva contemporânea. Um exemplo disso foi a ampla repercussão pública em torno da adoção de suas duas filhas, tema abordado em entrevistas e reportagens ainda em vida e retomado de forma intensa após sua morte, quando vídeos, depoimentos e trechos de programas voltaram a circular como forma de homenagem e como parte da construção de sua imagem pública.

A matéria foi gravada para o Globo Repórter, um dos programas de jornalismo mais tradicionais da televisão brasileira, exibido pela Rede Globo desde 1973. O formato desse programa consiste em reportagens especiais de longa duração, que exploram ao máximo temas culturais, sociais e geográficos, ultrapassando o noticiário diário para oferecer uma experiência mais densa e contextualizada ao público. Uma das principais propostas do programa é mostrar ao telespectador, com riqueza de imagens, os lugares mais exóticos do Brasil e do mundo, o que explica a escolha da Jamaica, nesse caso³⁴.

³³ PALMARES completa 29 anos. Brasil, 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/palmares-completa-29-anos>. Acesso em: 4 nov. 2025.

³⁴ MEMÓRIA Globo. Globo Repórter, 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/globo-reporter/noticia/globo-reporter.ghml>. Acesso em: 4 de nov. 2025.

Ao visitar a comunidade jamaicana de difícil acesso, Bobo Ashanti, Glória foi convidada a participar de um ritual considerado sagrado, o ato de fumar um cachimbo com cannabis. Segundo costumes locais, nenhum visitante pode deixar o espaço sem antes participar da cerimônia, gesto que simboliza respeito, integração e reconhecimento do outro³⁵. Tomando como base esse episódio, torna-se interessante observar as diferentes formas de nomeação da substância tratada no vídeo em diferentes contextos midiáticos. Na reportagem televisiva, a própria Glória utiliza majoritariamente o termo *ganja*, termo associado ao universo cultural e religioso Rastafári, aproximando-se da lógica simbólica da fonte e demonstrando respeito ao contexto local. Já em matérias jornalísticas posteriores, como as publicadas no portal G1 (que faz parte do mesmo conglomerado midiático), a prática aparece nomeada como “cachimbo da paz”, expressão muito usada que “traduz” culturalmente o ritual para o público amplo, no entanto estereotipa e satiriza um ritual importante de outra cultura, o colocando no campo do “exótico”. Nas redes sociais, por sua vez, é comum ler o termo “maconha” ou “erva”, evidenciando outra camada de recepção, marcada por informalidade e deslocamento do enquadramento original da reportagem, talvez até negligenciando o contexto mais sagrado e sério, abordado no próprio material de Glória. É importante ressaltar a essa altura, que o Rastafári é um movimento que combina crenças cristãs reinterpretadas, consciência pan-africana e práticas comunitárias que incluem a sacralização de plantas como a *ganja* (usada em contextos cerimoniais). Sua visibilidade global foi amplificada sobretudo por meio da música *reggae*, cujo maior expoente, Bob Marley, ajudou a difundir internacionalmente ideais de resistência, identidade negra e espiritualidade rastafári, transformando o movimento em um fenômeno cultural reconhecido em várias partes do mundo, como exposto na própria reportagem aqui discutida.

Dessa forma, a repórter assume uma postura que intensifica um movimento descrito por Serra (2020), de não apenas informar, mas se colocar corporalmente na experiência, construindo uma narrativa em que sua presença se torna elemento central da mediação jornalística. O acontecimento, assim, não é transmitido apenas como fato externo, mas atravessado pela experiência da própria repórter.

³⁵ “FIZ matéria de regressão, provei Santo Daime, faz parte do show”: como Glória Maria na Jamaica fez história e virou meme com ‘cachimbo da paz’. G1, 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/diversidade/noticia/2025/05/13/fiz-materia-de-regressao-provei-santo-daime-faz-parte-do-show-como-gloria-maria-na-jamaica-fez-historia-e-virou-meme-com-cachimbo-da-paz.ghtml>. Acesso em: 11 de fev. 2025

Figura 3 – Imagem de Glória Maria fumando erva da Jamaica



Fonte: G1, 2025.³⁶

Esse tipo de atuação contribui para o processo de constituição de Glória Maria como figura pública, ultrapassando os limites do telejornalismo tradicional. Décadas depois, com a circulação massiva desse trecho nas redes sociais, a reportagem passa a integrar um repertório simbólico mais amplo, no qual a jornalista é reconhecida não apenas por seu trabalho informativo, mas também por atributos como carisma, espontaneidade e autenticidade. Trata-se de um movimento que dialoga com aquilo que Serra (2020) descreve como acúmulo de notoriedade pública por parte dos jornalistas de rede, cuja imagem passa a circular para além do campo estrito da informação, aproximando-se da lógica da celebração. No Brasil, esse episódio causou enorme repercussão pelo ineditismo com que uma repórter da maior emissora do país se permitia não apenas relatar, mas imergir em práticas culturais estrangeiras. Décadas depois, com a popularização da internet e das redes sociais, o momento tornou-se um dos “memes” mais duradouros associados à imagem de Glória Maria. Trechos da reportagem circulam em plataformas como Twitter, TikTok e Instagram, e são geralmente associados à ideia de ousadia, espontaneidade e autenticidade, características que passaram a compor um imaginário público sobre quem foi a jornalista, ou posso dizer “jornalista - estrela”³⁷

³⁶ Imagem de Glória Maria fumando erva da Jamaica rendeu memes. G1, 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/diversidade/noticia/2025/05/13/fiz-materia-de-regressao-provei-santo-daime-faz-parte-do-show-como-gloria-maria-na-jamaica-fez-historia-e-virou-meme-com-cachimbo-da-paz.ghtml>. Acesso em: 4 nov. 25.

³⁷ Publicações disponíveis em: <https://x.com/ltxrbs/status/1919261694162801041?s=46> e https://x.com/dellry_shun/status/2012709045409325553?s=46

Figura 4 – Post na rede social “X” sobre a matéria



Fonte: Captura de tela de postagem no “X”.³⁸

³⁸ Disponível em: <https://x.com/ltcxrbs/status/1919261694162801041?s=20>

Figura 5 – Post da rede social “X”, também sobre a matéria



Fonte: Captura de tela de postagem no “X”.³⁹

Figura 6 – Posts da rede social Instagram, quando pesquisada a reportagem de Glória



Fonte: Captura de tela do Instagram.

³⁹ Disponível em: https://x.com/dellry_shun/status/2012709045409325553?s=20

4.2 “Nós somos porque Glória foi”: memória, representação e legado interseccional

Juntando os dois eixos-base explorados no trabalho – Glória mulher, negra, e periférica, e Glória repórter – é coerente usar o documentário da GloboPlay, *Glória* (2025) para esta análise. Uma das primeiras fases para fazer essa pesquisa foi mergulhar fundo em quem foi Glória Maria. O que ela fez, como ela fez, de onde ela veio e até onde chegou. Uma das obras essenciais para conhecer a jornalista foi, e é esse documentário, que une a carreira de Glória, sua vida pessoal, e o marco deixado por ela. A minissérie articula elementos biográficos, trechos de reportagens históricas e depoimentos de colegas, amigos e especialistas da área, compondo uma narrativa que enfatiza tanto sua dimensão profissional quanto sua importância cultural. Mais do que recuperar uma carreira de cinco décadas, o documentário apresenta Glória como figura que atravessou fronteiras geográficas e identitárias, e inaugurou formas de presença jornalística que permanecem como referência. A importância da presença de Glória no telejornalismo brasileiro foi tanta, que atravessou gerações, e deu a muitas jornalistas atuais o encantamento pelo jornalismo e a coragem para ingressar nele, além de simbolizar uma representatividade que, até pouco tempo atrás, não existia.

Portanto, dentre os episódios que compõem a série, destacamos para esta análise o episódio final, que é dedicado ao impacto de Glória Maria sobre jornalistas negras de gerações posteriores. Nesse segmento, o documentário organiza uma reflexão coletiva sobre como sua imagem pública ultrapassou o plano individual, convertendo-se em marco de possibilidade para profissionais que historicamente enfrentam barreiras parecidas ou iguais às de Glória. A presença de mulheres negras dando depoimentos sobre suas próprias trajetórias funciona como contraponto à ausência estrutural que marcou décadas do telejornalismo nacional. Ao relatarem como a presença de Glória na televisão despertou nelas o desejo de ingressar no jornalismo e forneceu uma referência concreta de possibilidade, essas mulheres demonstram como a imagem pública da jornalista ultrapassa o plano individual e se converte em acontecimento simbólico, nos termos propostos por Simões e França (2019), ao romper a normalidade histórica de ausência de mulheres negras no telejornalismo. Esse movimento também dialoga com o que Lima (2021) aponta ao refletir sobre celebridades femininas: a notoriedade pública, atravessada por gênero – e por raça nesse caso – carrega tensões específicas e produz sentidos sociais que vão além da fama. A celebridade, aqui, não aparece como fenômeno superficial, mas como dispositivo simbólico que evidencia disputas por visibilidade, pertencimento e legitimidade.

Figura 7 – Mulheres jornalistas participantes do documentário *Glória*



Fonte: Captura de tela do documentário *Glória* (2025).

Esse movimento dialoga diretamente com a reflexão de Grada Kilomba (2019), conforme analisada por Souza Júnior (2020), ao apontar que vozes negras, quando adentram espaços institucionalizados, frequentemente precisam romper com mecanismos de desautorização simbólica que operam para mantê-las à margem. Nesse sentido, a trajetória de Glória, tal como narrada pelo documentário, não se limita a uma história de sucesso individual, mas revela o enfrentamento constante a estruturas que tradicionalmente restringem quem pode falar, aparecer e ser legitimado como sujeito de conhecimento e autoridade pública. Afinal, há não uma ou duas, mas 18 mulheres presentes no episódio final do documentário, homenageando Glória Maria e reconhecendo o impacto dela na vida de cada uma. Assim, elas são provas vivas de toda a importância da luta da jornalista, que se concretiza como coletiva, e não se encerra hoje. Nem seu legado. Algumas falas emblemáticas para ilustrar esse cenário:

Cris Guterres (colunista):

- *“Nós somos porque a Glória foi, por que a Glória é.”*

Mirella Archangelo (estudante, figura que chamou a atenção da mídia por se inspirar em Glória):

- *“Ser dupla da Glória Maria, não é algo que toda pessoa fez, essa foi a melhor escola que o destino poderia ter colocado no meu caminho, porque essa mirela que eu tô me tornando, e que tem como legado Glória Maria é a melhor versão que eu poderia me tornar.”*

Livia Martins (produtora):

- “Eu sou uma semente da frondosa e gloriosa árvore que Glória plantou.”

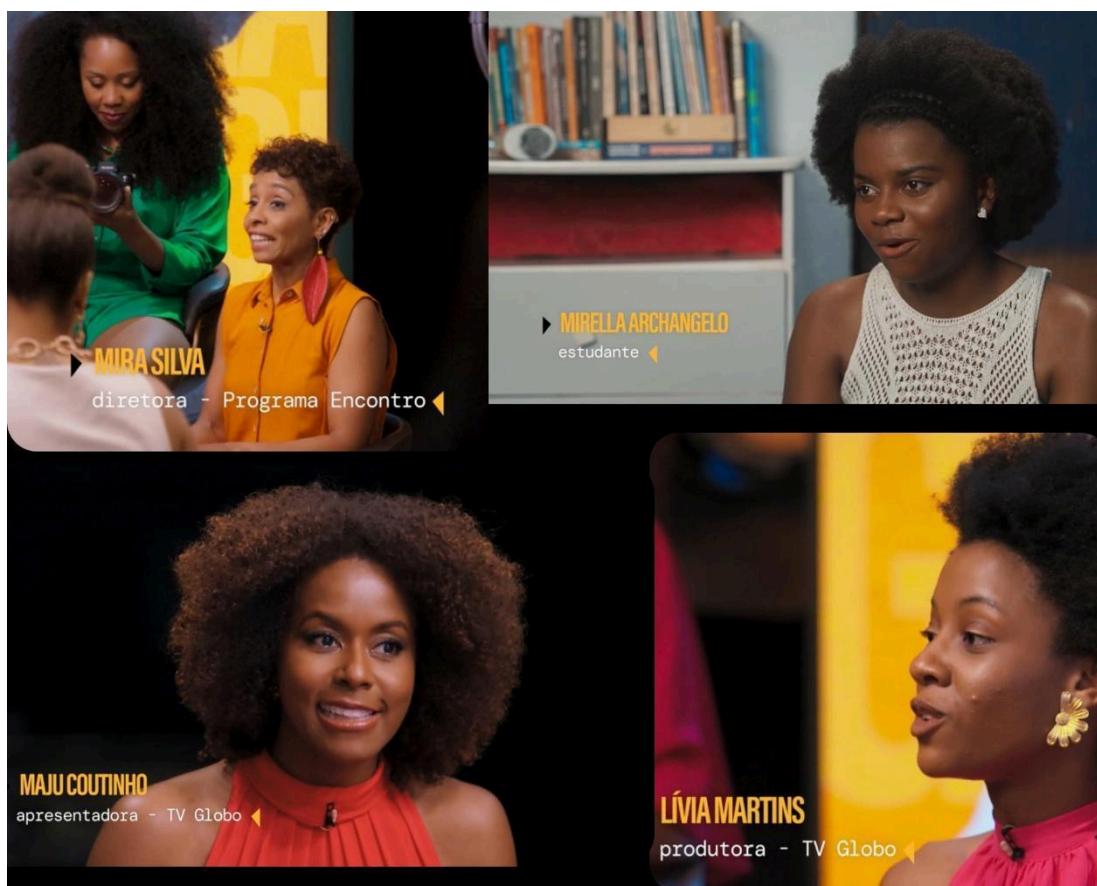
Mira Silva (diretora do programa Encontro):

- “Vi aquela mulher de black, na televisão, era única e hoje eu sou a única, em alguns espaços que eu estou.”

Maju Coutinho (apresentadora):

- “A gente só respira, assim, um aroma de Glória e pega essa coragem pra seguir, e seguir do nosso jeito, tendo ela como inspiração, como base. [...] ela criou realmente uma geração de herdeiras e herdeiros que estão aqui hoje por causa dessa figura, dessa mulher.”

Figura 8 – Montagem feita através do Canva das participantes



Fonte: Elaboração própria.

Ademais, como observa Sousa Júnior (2020), as vozes negras têm sido historicamente invisibilizadas, desqualificadas ou ironizadas, o que torna politicamente significativa a ocupação desses espaços de fala e visibilidade. O documentário, ao reunir essas narrativas, constrói uma espécie de memória coletiva, em que Glória Maria aparece não apenas como exceção, mas como referência simbólica para outras trajetórias.

Ao mesmo tempo, a própria necessidade de destacar sua singularidade revela as contradições da representatividade. Fernandes (2022), Corrêa e Bernardes (2019 *apud* Fernandes, 2022) discutem a figura do “negro único” como uma forma ambígua de inclusão, que pode produzir a aparência de diversidade sem alterar efetivamente as estruturas. A narrativa construída em torno de Glória, ao reconhecê-la como pioneira e referência, também evidencia o quanto sua presença foi solitária em muitos espaços, o que evidencia o caráter estrutural das barreiras enfrentadas.

Assim, o documentário *Glória* não apenas homenageia uma trajetória individual, mas evidencia como sua imagem pública opera como conquista simbólica coletiva, revelando tanto os avanços quanto os limites da presença negra no telejornalismo brasileiro.

5. CONCLUSÃO

Esse trabalho nasceu, primeiramente, do amor por Glória Maria e pelo reconhecimento da marca que a jornalista deixou no telejornalismo brasileiro, e depois pela indignação em relação à forma como as mulheres, principalmente mulheres negras, são tratadas e o quanto elas têm que lutar para chegar a algum patamar maior do que o imposto a elas pelo sistema em que vivemos. A pesquisa parte da recusa em aceitar que essas mulheres sejam historicamente posicionadas como coadjuvantes, sombras de figuras masculinas ou reduzidas a papéis socialmente impostos, como o cuidado, a maternidade ou a submissão. Essa indignação inicial orientou a escolha do objeto e do referencial teórico, privilegiando autoras feministas e estudos sobre raça e gênero, como forma de legitimar academicamente um incômodo que já se apresentava no plano social e pessoal.

Ao longo da análise, tornou-se evidente que a trajetória de Glória Maria pode ser compreendida a partir de uma perspectiva interseccional, na qual gênero e raça não aparecem como dimensões isoladas, mas como eixos articulados de exclusão e resistência. Sua presença no telejornalismo expôs as camadas de opressão que historicamente limitaram a atuação de mulheres negras, ao mesmo tempo em que evidenciou estratégias de afirmação, deslocamento e permanência em um campo tradicionalmente branco e masculino. Glória não apenas rompeu barreiras simbólicas, mas ressignificou o lugar possível da mulher negra na televisão brasileira.

No que se refere ao telejornalismo, a pesquisa demonstrou que sua atuação contribuiu para tensionar modelos tradicionais baseados na neutralidade absoluta, na invisibilidade do repórter e na padronização das narrativas. Ao se colocar de forma visível, envolvida e corporalmente presente nas reportagens, Glória Maria ampliou as possibilidades narrativas do jornalismo televisivo, transformando a própria figura da repórter em elemento central da construção do acontecimento midiático.

Ao longo do trabalho, também foi se criando uma bagagem maior sobre a história do jornalismo, e do telejornalismo. Desse modo, a admiração pela profissão e pelos profissionais da área jornalística também cresceu, fortalecendo a compreensão de suas transformações, contradições e disputas simbólicas. A pesquisa reforçou, assim, a admiração pela profissão jornalística e por aqueles que a constroem cotidianamente, ao mesmo tempo em que evidencia a necessidade de uma crítica constante às estruturas de exclusão que ainda persistem no campo midiático.

Por fim, este estudo reafirma a importância de compreender o jornalismo não apenas como prática técnica, mas como espaço de produção de sentidos, identidades e memórias sociais. A trajetória de Glória Maria, analisada aqui, permanece como marco histórico e político, mas também como horizonte de possibilidade, convidando a mídia e a sociedade a repensarem seus modos de representação, reconhecimento e pertencimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Edgard. *História da TV brasileira*. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 2007. Disponível em: <https://centrocultural.sp.gov.br/wp-content/uploads/2023/09/historia-da-tv-brasileira-Centro-Cultural-Sao-Paulo.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2025.

BIROLI, Flávia. *Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2014. Disponível em: https://blogdaboitempo.com.br/wp-content/uploads/2022/08/divisaosexualtrabalho_biroli.pdf. Acesso em: 14 ago. 2025.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: *Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano. 2003.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 31, n. 1, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzzsGrvmFTKFqr6GLVMn/?lang=pt>. Acesso em: 14 ago. 2025.

COLLINS, Patricia Hill. Learning from the Outsider Within: The Sociological Significance of Black Feminist Thought. *Social Problems*. Oxford, v. 33, n. 6, 1985. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/800672>. Acesso em: 14 ago. 2025.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Tradução: Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2020. Disponível em: http://www.ser.puc-rio.br/2_COLLINS.pdf. Acesso em: 14 ago. 2025.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Frantz_Fanon_Pele_negra_mascaras_brancas.pdf. Acesso em: 14 ago. 2025.

FERNANDES, Pablo Moreno. Racismo e invisibilização: a representatividade negra em anúncios de revistas. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, v. 25, n. 1, 2022. Disponível em: <https://e-compos.emnuvens.com.br/e-compos/article/view/2384/2081>. Acesso em: 14 ago. 2025.

GLORIA. Direção: Danielle França; Paulo Sampaio. Roteiro: Paulo Sampaio; Antonia Martinho. Produção: Jornalismo Globo. GloboPlay, 2025. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/gloria/t/YmDyrLTNfg/>. Acesso em: 14 ago. 25

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Organização: Flávia Rios; Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. Disponível em: <https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/06/feminismo-afro-latino-americano.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2025.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 132, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVvvtWGDvFqRmdsBWQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 ago. 2025.

JESUS, Carolina. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014.

JOST, François. *Compreender a televisão*. Porto Alegre: Sulina, 2010. Acesso em: 28 jan. 2025.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. São Paulo: Cobogó, 2019. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/MEMORIAS_DA_PLANTACAO_-_EPISODIOS_DE_RAC_1_GRADA.pdf. Acesso em: 14 ago. 2025

LIMA, Bárbara. *Nós não vamos sucumbir: o acontecimento 90 anos de Elza Soares*. Orientadora: Vera Regina Veiga França. 127 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/server/api/core/bitstreams/6a2306bc-8de1-4735-99b0-b043abd859a9/content>. Acesso em: 28 jan. 2025.

MANO A MANO: Gloria Maria. Entrevistador: Mano Brown. Spotify, 9 mar. 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7Cp1UH7ummJ0VS0Hw9PuNG?si=94ge6NCaSF0hWScOfthbzA.&nd=1&dlsi=ded8a6f8c197447e>. Acesso em: 14 ago. 2025.

MIGUEL, Luiz Felipe; BIROLI, Flávia. *Feminismo e política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2014. Disponível em: https://moodle.ibiruba.ifrs.edu.br/pluginfile.php/25050/mod_resource/content/1/BIROLI_%20MIGUEL.%20Feminismo-e-Politica-Uma-Introducao-Boitempo-Editorial-2015.pdf. Acesso em: 14 ago. 2025.

PEREIRA, Gustavo. *Novas telas para o jornalismo: o conflito entre o quarto e quinto estado/poder e a expansão do conteúdo para além das localidades*. Orientadora: Iluska Maria da Silva Coutinho. 118 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/11561/1/gustavoteixeiradefariapereira.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2025.

PINHO, Patrícia. “A Casa Grande Surta Quando a Senzala Aprende a Ler”: Resistência Antirracista e o Desvendamento da Branquitude Injuriada no Brasil. *Confluenze*, Bolonha, v. 13, n.1, 2021. Disponível em: <https://confluenze.unibo.it/article/download/13085/12635/47270>. Acesso em: 14 ago. 2025.

SCHÜTZ, Alfred. O Estrangeiro – Um ensaio em Psicologia Social. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, n. 113, 2010. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/download/11345/6153/>. Acesso em: 14 ago. 2025.

SERRA, Pedro. *Jornalismo e televisão em perspectiva comparada: Brasil e França*. Orientadora: Maria Arminda do Nascimento Arruda. 247 f. Tese (Doutorado em Sociologia) –

Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-19022021-195127/publico/2020_PedroPauloMartinsSerra_VCorr.pdf. Acesso em: 28 jan. 2025.

SILVA, Camila. Âncora: posturas e evolução de uma atividade jornalística. *Revista Eletrônica Temática*, n. 6, 2009. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/617921761/1555584270113-ANCORA-no-telejornalismo-camila>. Acesso em: 14 ago. 2025.

SILVA, Filipe da; PORCELLO, Flávio. Quando o repórter aparece na TV: o corpo e a voz da notícia no telejornalismo. *Estudos em Comunicação*, Portugal, n. 22, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/143741>. Acesso em: 28 jan. 2025.

SIMÕES, Paula; FRANÇA, Vera. Celebidades, acontecimentos e valores na sociedade contemporânea. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, v. 23, 2019. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1910/1964>. Acesso em: 28 jan. 2025.

SOUSA JÚNIOR, Arnóbio de. Resenha: Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. *Terra Livre*, São Paulo, v. 1, n. 24, 2020. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/download/1847/1606/5352>. Acesso em: 14 ago. 2025.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são*. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2004.

VIANA, Humberto. *Entre a memória, o telejornalismo, e os acontecimentos: a Rede Globo e a construção do seu lugar na história*. Orientadora: Christina Ferraz Musse. 235 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/10056/3/humbertojunioralvesviana.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2025.

